UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Matheus de Souza Amorim

BRINCAR DE FUTEBOL TAMBÉM É APRENDER FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO DAS OBRAS DE JOÃO BATISTA FREIRE E ALCIDES SCAGLIA A RESPEITO DO ENSINO DO FUTEBOL NO BRASIL

Goiânia
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Matheus de Souza Amorim

Título do trabalho: Brincar de futebol também é aprender futebol: uma aproximação das obras de João Batista Freire e Alcides Scaglia a respeito do ensino do futebol no Brasil

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/10/2021, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **MATHEUS DE SOUZA AMORIM**, **Discente**, em 04/11/2021, às 12:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_exte informando o código verificador **2455630** e o código CRC **33FFB44F**.

Matheus de Souza Amorim

BRINCAR DE FUTEBOL TAMBÉM É APRENDER FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO DAS OBRAS DE JOÃO BATISTA FREIRE E ALCIDES SCAGLIA A RESPEITO DO ENSINO DO FUTEBOL NO BRASIL

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Educação Física Licenciatura
Orientador: Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Souza Amorim, Matheus
BRINCAR DE FUTEBOL TAMBÉM É APRENDER FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO DAS OBRAS DE JOÃO BATISTA FREIRE E ALCIDES SCAGLIA A RESPEITO DO ENSINO DO FUTEBOL NO BRASIL [manuscrito] / Matheus de Souza Amorim. - 2021.
LVI, 56 f.

Orientador: Prof. Dr. ROBERTO PEREIRA FURTADO.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2021.
Bibliografia.

1. PEDAGOGIA DO FUTEBOL. 2. PEDAGOGIA DA RUA. 3. ESCOLINHAS DE FUTEBOL. 4. JOGOS E BRINCADEIRAS. 5. INICIAÇÃO ESPORTIVA. I. PEREIRA FURTADO, ROBERTO, orient. II. Título.

CDU 796

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **trinta dias do mês de outubro do ano de 2021** iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "**Brincar de futebol também é aprender futebol: uma aproximação das obras de João Batista Freire e Alcides Scaglia a respeito do ensino do futebol no Brasil**", de autoria de **Matheus de Souza Amorim**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança** da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Elcio Junio Inácio de Paula** e **Prof. Ms. Marcus Vinícius Coimbra dos Santos - Secretaria Estadual de Educação de Goiás**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/10/2021, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINÍCIUS COIMBRA DOS SANTOS**, **Usuário Externo**, em 04/11/2021, às 23:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elcio Junio Inácio de Paula**, **Usuário Externo**, em 12/11/2021, às 09:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_exte informando o código verificador **2455627** e o código CRC **880147C4**.

Este trabalho é dedicado a todos que, direta ou indiretamente estiveram envolvidos no processo de sua elaboração, em especial ao meu querido e eterno “Vô Chico”.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, por tudo o que representam para mim.

Aos meus pais, que, sempre investiram na minha educação, me dando todas as possibilidades possíveis para que eu pudesse me tornar uma pessoa do bem.

À minha mãe Tânia, a pessoa mais perfeita que existe, sendo a que mais me apoiou para que eu viesse a seguir a carreira que eu sempre quis.

Ao meu pai Gilson, que independente de qualquer situação sempre se esforçou para me dar o melhor.

Ao meu irmão Gilson, que desde pequeno sempre cuidou de mim e foi a pessoa que mais me influenciou a ser um apaixonado pelo futebol.

À minha cunhada Naiara, que chegou recentemente, mas já faz parte da nossa grande família.

À minha irmã Júlia, que desde a sua chegada ao mundo, me fez ter uma nova visão de mundo, influenciando muito na pessoa que eu me tornei.

Aos meus amigos, que estiveram comigo em todos os momentos, e me fizeram viver momentos aos quais jamais esquecerei.

Aos meus colegas de turma, que fizeram a minha graduação ser um momento único na minha vida.

A todos os professores, que com toda a sabedoria foram fundamentais na minha formação como professor e principalmente como cidadão.

Ao meu orientador Dr. Roberto Pereira Furtado, pelos conselhos, correções e paciência no desenvolvimento deste trabalho.

À minha banca examinadora, por me possibilitar dar mais esse importantíssimo passo em minha vida.

Aos meus colegas de trabalho, pela parceria, pelos conselhos e por me fazerem gostar ainda mais do que faço.

Aos meus alunos, que diariamente me afirmam que eu tomei a decisão certa em exercer a profissão de professor, me dando mais ânimo e vontade para continuar me dedicando.

E em especial, agradeço ao meu avô Francisco Torres do Ó, o Vô Chico, que se foi recentemente vítima da Covid-19, mas continua eterno nos corações e nas lembranças de todos que tiveram o privilégio de o conhecer. Um homem, que desbravou o Brasil para dar melhores condições de vida aos seus filhos, e que sempre lutou por um país melhor. A paixão pelo futebol

da família Amorim também foi mais um dos legados deixados por ele, obrigado por tanto meu avô. Nunca te esqueceremos, você nunca será apenas um número!

RESUMO

Este estudo tem por objetivo fazer uma aproximação referencial a respeito do ensino-aprendizagem do futebol no Brasil, tendo como obras norteadoras, o livro "Pedagogia do Futebol" de João Batista Freire e a dissertação de mestrado de Alcides José Scaglia: "O futebol que se aprende e o futebol que se ensina". A partir da análise destes estudos, se buscou inicialmente passar brevemente pela história do futebol em nosso país, buscando entender como se deu a sua popularização e os motivos pelos quais culturalmente e socialmente o brasileiro é tão apaixonado pelo futebol. Ao falarmos deste tema é impossível nos desvincularmos do ambiente da rua e dos demais espaços informais das cidades, que durante muito tempo foram os principais espaços de prática e ensino do futebol, uma vez que apresentavam uma metodologia de ensino própria: a pedagogia da rua, baseada em aspectos lúdicos, criativos e espontâneos que ensinaram tão bem diversas gerações de brasileiros a jogar e apreciar o esporte mais popular deste país. Entretanto, com a urbanização das cidades, as ruas e os campinhos foram sendo substituídos por prédios, shoppings, lojas, tendo, portanto, a necessidade do surgimento de espaços sistematizados de ensino, nas quais as crianças poderiam jogar e aprender o futebol com segurança, as famosas escolinhas. Sendo assim, em um segundo momento, neste estudo, será apresentado o contexto histórico e social de surgimento destes espaços de ensino do futebol em nosso país, assim como as propostas pedagógicas utilizadas, que na maioria dos casos são bem diferentes daquelas encontradas em outros tempos na rua, falhando assim, segundo Freire (2006) nas funções sociais das escolinhas, que são: a de ensinar o futebol a todos, ensinar bem futebol a todos, ensinar mais do que futebol a todos e ensinar a gostar da prática do futebol, funções estas que a rua não era responsável, mas conseguia desempenhar com proeza. Este estudo, portanto, não pretende justificar a volta da rua, como espaço físico para a prática e ensino do futebol (uma vez que para isso necessitaria de uma reformulação dos centros urbanos e da sociedade como um todo), mas sim trazer a rua, como instrumento simbólico para as aulas destas escolinhas; utilizando de uma pedagogia lúdica, criativa e prazerosa em suas aulas, baseada em jogos e brincadeiras comuns da cultura brasileira, assim como proposto por Freire (2006) e Scaglia (1999).

Palavras-chaves: Pedagogia do futebol; Pedagogia da rua; Escolinhas de Futebol; Jogos e Brincadeiras; Iniciação no futebol; Futebol e aspectos socioculturais.

ABSTRACT

This work intends to make a referential approach regarding the teaching-learning of soccer in Brazil. We used as references, the book “Football Pedagogy” by João Batista Freire and the master's thesis by Alcides José Scaglia entitled: “The soccer that you learn and football you teach”. Based on these studies, we initially sought to briefly review the history of football in Brazil, seeking to understand how it became popular and the reasons why, culturally and socially, Brazilians are so passionate about football. When we talk about this topic, it is difficult to disassociate ourselves from the street environment and other informal spaces in Brazilian cities, which were, for decades, the main spaces of practice and teaching of football, as they had their own teaching methodology. For example, the street pedagogy, based on playful, creative, and spontaneous aspects that taught so well several generations of Brazilians to play and enjoy the most popular sport in this country. However, with the urbanization of cities, the streets and fields were replaced by buildings, malls, and stores. With this, there was a need for the emergence of systematized teaching spaces, in which children could play and learn soccer safely. In addition, in a second moment, in this study, the historical and social context of the emergence of these football teaching spaces in our country will be presented, as well as the pedagogical proposals used, which in most cases are very different from those found in other times on the street, thus failing, according to Freire (2006), in the social functions of the schools, which are: to teach football to everyone, to teach football well to everyone, to teach more than football to everyone and to teach how to enjoy football, functions that the street was not responsible for, but managed to perform with deeds. This study, therefore, does not intend to justify going back to the street, as a physical space for the practice and teaching of football (since this would require a reformulation of urban centers and society as a whole), but rather to bring the street, as a symbolic instrument for the classes in these little schools; using a playful, creative and pleasurable pedagogy in their classes, based on games and plays common in Brazilian culture, as proposed by Freire (2006) and Scaglia (1999).

Keywords: Football pedagogy; Street pedagogy; Soccer Schools; Games and plays; Football initiation; Football and sociocultural aspects

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **13**
2. CAPÍTULO I: O FUTEBOL NO BRASIL **17**
2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL **17**
2.2 AS VÁRZEAS, AS RUAS, OS TERRENOS BALDIOS E A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL **19**
2.3 BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL **23**
3. CAPÍTULO II: O ENSINO DO FUTEBOL NO BRASIL **27**
4. CAPÍTULO III: PEDAGOGIA DO FUTEBOL **36**
4.1 ASPECTOS GERAIS DA PEDAGOGIA DO FUTEBOL **36**
4.2 FORMAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E A HISTÓRIA DE VIDA DOS ALUNOS **39**
4.3 FUNDAMENTOS E HABILIDADES ESPECÍFICAS DO FUTEBOL **40**
4.4 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO E DIVISÃO DAS TURMAS NAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL **43**
4.5 PLANEJAMENTO DAS AULAS E POSSIBILIDADES DE AVALIAÇÃO **48**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **51**
REFERÊNCIAS **54**

1. INTRODUÇÃO

É do senso comum, que o Brasil é conhecido internacionalmente como o "país do futebol", tanto pelas suas inúmeras conquistas e grandes jogadores, como pela paixão do seu povo em praticar e vivenciar o futebol. Durante muitas décadas, a prática deste esporte em nosso país se deu em espaços informais, como as ruas, campos de várzea, terrenos baldios ou em qualquer lugar disponível que possibilitasse a sua vivência.

Segundo Freire (1998), estes espaços foram fundamentais no processo de ensino-aprendizagem do futebol de diversas gerações, que se utilizavam de jogos e brincadeiras para praticá-lo de maneira lúdica e criativa. As crianças e adolescentes cresciam nestes ambientes e adquiriam diversas habilidades e competências providas dessa pedagogia da rua, caracterizada pela sua diversidade, espontaneidade e pela resolução de diversas situações- problemas que a brincadeira ou o jogo apresenta.

Portanto, durante muitos anos, a informalidade da rua formou pessoas e atletas que sabiam jogar e jogar bem, através de características culturais e sociais presentes neste rico espaço de aprendizado, aliando o "jeitinho brasileiro" e a sua diversidade com o esporte. Por isso o futebol brasileiro foi e ainda é conhecido pela sua genialidade e pelo "celeiro de craques": jogadores habilidosos e criativos que sabem tomar decisões em um curto intervalo de tempo e espaço, através de dribles, fintas e jogadas que encantam o mundo com seu futebol- arte.

Esta pedagogia da rua, entretanto, não recebeu e ainda não recebe a sua devida importância no processo de ensino-aprendizagem do futebol brasileiro, pois como retratado por Scaglia (1999, p. 01) "As crianças cresciam jogando futebol, ou melhor brincando de bola, o que fez (e ainda faz) muitas pessoas acreditarem que esses meninos já nasciam sabendo jogar, como um dom herdado de um ser divino, ou de uma benção genética.". Portanto, percebe-se que foi criado uma falsa ideia de "DNA brasileiro", na qual acreditou se que todo brasileiro já nascia com uma aptidão inata de saber jogar futebol; não dando assim os créditos para a verdadeira formadora da identidade do futebol brasileiro: a rua.

Como retratado por Scaglia (1999), com o passar dos anos, e com a consequente urbanização das cidades, estes espaços deixaram de existir: as ruas foram asfaltadas promovendo um grande trânsito de automóveis, os terrenos baldios e campos de várzea deram lugar a casas e prédios; e os poucos locais que ainda existem, em sua maioria nas periferias, acabam por atender a outras realidades: de violência e tráfico de drogas; sendo portanto espaços

inviáveis para o desenvolvimento integral de um indivíduo, através de jogos e brincadeiras presentes no futebol.

Além do mais, a realidade de crianças e adolescentes mudou bastante nas últimas décadas, não apresentando mais espaço e tempo para praticar jogos e brincadeiras. Em relação ao tempo, muitas delas o utilizam para trabalhar e assim ajudar nas economias da casa, e aquelas que por algum motivo não precisam disto, acabam por se dedicar a exaustivas horas de estudo em escolas que pouco se preocupam com o lazer e com a formação integral destes indivíduos.

Sobre o espaço, como já foi dito, dificilmente se encontra opções acessíveis e seguras que propiciem a prática de esportes, como se encontrava antigamente nas ruas e campinhos, sendo a perda destes espaços, uma perda fundamental no processo de ensino-aprendizagem, de formação da identidade do futebol brasileiro e no desenvolvimento da infância.

Com isso, como evidenciado por Scaglia (1999), foram surgindo as primeiras escolinhas de futebol. Estes espaços, em sua maioria particulares, conseguem atender às necessidades exigidas pelos responsáveis das crianças, pois é um local onde pode deixar seus filhos com segurança e tranquilidade, sem se preocupar com os perigos promovidos pela rua, que em outros tempos era ironicamente utilizado por estes mesmos responsáveis como um espaço de formação, ensino e vivência das diversas práticas da cultura corporal, entre elas o futebol.

Atualmente é inegável a importância das escolinhas de futebol para o ensino-aprendizagem deste esporte em nosso país, uma vez que nestes espaços, em alguns casos, acontecem as primeiras experiências de crianças com o futebol. Este contato inicial, entretanto, acontece de maneira muito precoce, e como retratado por Paes e Balbino (2002) esta especialização precoce de algum esporte específico, em busca de resultados a curto prazo, acabam por promover problemas de diversas ordens no desenvolvimento destes indivíduos, sejam estes relacionados com dimensões físicas-motoras, técnicas-táticas, psicológicas e sociais.

Além do mais, como retratado por Freire (2006), os métodos de ensino empregados nestas escolinhas se diferenciam muito do universo informal da rua, e consequentemente da sua pedagogia. Estas instituições, em alguns casos, prezam muito pelo ensino repetitivo da técnica, através de exercícios analíticos, na qual o foco principal é a aprendizagem de gestos técnicos. Se assemelhando muito com os treinos encontrados no futebol de alto rendimento, sendo em alguns casos, uma alternativa das escolinhas em chamar a atenção do público dos pais, que matriculam seus filhos com a intenção de que estes virem craques e futuros atletas.

Além desta metodologia, não levar em consideração o jogo em si, e as diversas situações-problemas encontradas no futebol; esta não é chamativa e pouco lúdica para as crianças, uma vez que não estimula a sua criatividade e liberdade para solucionar situações; o que acaba por comprometer o ensino-aprendizagem, o interesse e a apreciação pelo futebol.

Como retratado por Scaglia (1999), percebemos também nas escolinhas de futebol um grande número de pessoas responsáveis pelas aulas que não apresentam formação nenhuma em educação física, sendo em alguns casos, ex atletas ou pessoas que em um passado foram bons praticantes do esporte. Entretanto, as escolinhas de futebol, neste quesito, não se diferem do ensino sistematizado das escolas, o futebol nestes espaços deve ser planejado e dotado de uma pedagogia que leve em consideração os interesses e as especificidades dos alunos: ou seja saber jogar, não necessariamente está relacionado em saber ensinar o futebol.

Em outras palavras, a prática e o ensino do futebol que era tão eficiente na rua, em questões de apreciação do esporte, da ludicidade e da incorporação da prática no cotidiano das pessoas, e até mesmo na formação de bons jogadores, se perdeu um pouco nas escolinhas esportivas, muita das vezes por não se ter uma pedagogia apropriada para tal.

Sendo assim, este estudo busca fazer uma apresentação e análise de algumas obras de João Batista Freire e Alcides José Scaglia, autores estes, brasileiros e que são referências na área da pedagogia do esporte, para assim buscar entender o fenômeno social, histórico e cultural do ensino do futebol no Brasil.

As obras norteadoras destes autores, para a elaboração deste estudo serão: “Pedagogia do futebol” de João Batista Freire e “O futebol que se aprende e o futebol que se ensina” de Alcides José Scaglia, obras estas que além de apresentarem propostas pedagógicas para o ensino do futebol, levam em consideração os fatores culturais, sociais e históricos do nosso país, relacionando, portanto, o futebol e o jeito brasileiro de ser: ousado, divertido, espontâneo, alegre e criativo.

Sendo assim, este estudo buscará também compreender os motivos pelos quais, segundo Freire (2006) e Scaglia (1999), a rua se mostrou ser um espaço muito mais efetivo do que as escolinhas, em relação ao ensino-aprendizagem do futebol, buscando analisar as seguintes questões: Como o futebol é ensinado no Brasil? Aonde acontece o ensino deste esporte? Quais são as metodologias de ensino utilizadas e quem são as pessoas que ensinam o futebol?

Para em um momento final, após discutidas estas questões, apresentarmos as propostas

pedagógicas de João Batista Freire: a pedagogia do futebol, que não pretende justificar a volta da rua, como espaço físico para a prática e ensino do futebol (uma vez que para isso necessitaria de uma reformulação dos centros urbanos e da sociedade como um todo), mas sim trazer a rua, como instrumento simbólico para as aulas destas escolinhas; utilizando de uma pedagogia lúdica, criativa e prazerosa em suas aulas. De tal forma, os objetivos das escolinhas, segundo Freire (2006) e Scaglia (1999), seriam alcançados, promovendo o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, que além de aprenderem bem o futebol, ao final do processo sairiam como cidadãos críticos e conscientes da realidade na qual estão inseridos.

2. CAPÍTULO I: O FUTEBOL NO BRASIL

2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

Apesar de não ser o foco principal deste trabalho acadêmico, é importante buscar analisar um pouco sobre a origem do futebol, para que possamos entender como e por meio de quais mecanismos este surgiu em nosso país, para assim buscar entender como houve a sua popularização e os motivos pelos quais este esporte é tão presente no Brasil.

Como retratado por Scaglia (1999), a literatura traz diversos estudos a respeito da origem do futebol e como se deu a evolução dos diversos jogos com bola nos pés, em diferentes sociedades e épocas, processo este que gradativamente acabou culminando no esporte que conhecemos hoje em dia. Havendo, portanto, registros dos mais diferentes povos que criaram, praticaram e aperfeiçoaram jogos com bola nos pés de acordo com a suas culturas, interesses e finalidades.

O presente estudo não irá ignorar as práticas criadas e vivenciadas pelos chineses, gregos, maias, italianos e diversos outros povos, que de certa forma, foram fundamentais para a invenção do esporte mais popular do nosso país. Pelo contrário, se não fossem as contribuições destes povos, muito provavelmente, o futebol, se existisse, não seria da forma como o conhecemos.

Como já dito, por não se tratar do foco deste estudo, tomaremos como ponto de partida o futebol moderno, que surgiu na Inglaterra, em meados do século XIX.

Antes de falarmos do futebol moderno, é necessário entender inicialmente o que é o "esporte moderno", termo este que foi descrito inicialmente por Norbert Elias e Eric Dunning no final do século XX para o diferenciar do esporte antigo e tradicional:

> A ruptura entre esporte moderno e jogos tradicionais se dá por uma progressiva autonomização do campo esportivo em relação aos outros campos sociais (campo religioso, ritual, etc.). Tal ruptura se expressa na constituição de tempos e espaços específicos próprios às práticas esportivas (campos, estádios, ginásios, velódromos, etc.), em oposição aos jogos tradicionais instalados nos espaços ordinários das atividades cotidianas, subtraídos temporariamente de suas ocupações corriqueiras. (Martins & Altmann, 2007, p.2)

Como bem exemplificado por Martins e Altmann (2007) em um estudo a respeito das obras de Elias e Dunning, essa ruptura do esporte moderno com os jogos tradicionais se dá através de três principais características, são elas: autonomização do jogo e do espetáculo do jogo em relação aos confrontos de guerra e aos rituais; a secularização, ou seja, a desvinculação

de rituais religiosos; e a igualdade formal de chance entre os jogadores.

Desta forma, o esporte passa a ter seus espaços próprios (estádios, ginásios, pistas, entre outros) e a sua prática começa a ter um tempo próprio, um calendário específico. Essas características são fundamentais para que, com o passar do tempo, pudesse ter uma codificação das regras, permitindo então uma prática uniforme e consequente universalização do esporte.

Com relação ao futebol moderno surgido na Inglaterra:

> A primeira grande mudança rumo ao futebol moderno se deu nas escolas públicas inglesas, mas cada uma delas tinha o seu jogo com regras diferentes. No final do século XVIII, as escolas eram instituições rebeldes e até violentas, pois eram ocupadas pelos ociosos da aristocracia inglesa. Quando estes filhos da nova classe média chegaram ás universidades, surgiu a necessidade de se melhorar a disciplina. (SCAGLIA, 1999, p.11)

Percebe-se então, como retratado por Scaglia (1999), que o futebol moderno surgiu em um contexto escolar na qual se percebia a importância desses jogos nas questões relacionadas à disciplina e formação do caráter dos alunos. Sendo assim, a sua prática era incentivada por diversas escolas com essa finalidade inicial.

Entretanto, os jogos praticados nas escolas apresentavam diferenças de regras entre uma instituição e outra, o que dificultava a sua prática uniforme. Sendo assim, tiveram que haver várias reuniões onde pudesse se estabelecer um consenso sobre quais regras seriam utilizadas.

Com o futebol já popularizado na Inglaterra, em 1863, mais precisamente no dia 26 de outubro, em uma taberna de Londres, uma reunião ficou marcada na história: nela ficou decidida entre clubes e escolas inglesas que o futebol passaria a ser praticado apenas com os pés. Sendo esta data considerada por muitos, como o início do futebol como o conhecemos, tanto que em dezembro desse mesmo ano, houve a codificação oficial de nove regras do futebol, estabelecidas por Cambridge.

Percebe-se então, que segundo Scaglia (1999), o surgimento do futebol se deu através da construção e evolução dos diversos jogos praticados, em épocas e por povos diferentes, que apesar de ter as suas especificidades em relação as suas finalidades e interesses; apresentavam um ponto em comum, que era o contato e o controle de uma bola, ou similar, através da utilização dos pés.

Uma vez já estabelecido e popularizado na Inglaterra, o futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, mais precisamente em 1894, na cidade de São Paulo, por Charles Miller que retornava da Inglaterra após um período de estudo. O jovem brasileiro trazia consigo bolas, uniformes, chuteiras e outros equipamentos que possibilitassem a prática do futebol.

Sendo assim, inicialmente e durante alguns anos a prática do futebol se deu apenas pela elite brasileira, uma vez que tinham o conhecimento a respeito das regras da modalidade e por serem os únicos a terem condições de obter os equipamentos do jogo, que eram importados.

Outro fato curioso, como retratado por Scaglia (1999, p.15) "(...) a difusão do futebol pelo Brasil não se deu de um centro para sua periferia, mas de quase simultâneos focos disseminadores, ou seja, o futebol se difundiu no nosso país de maneira regional". O desenvolvimento do futebol no Brasil então, veio de vários jovens brasileiros que voltavam de estudos na Inglaterra começaram a trazer e a disseminar o futebol por outras regiões do país, temos por exemplo a influência de Oscar Cox no Rio de Janeiro, a de Joaquim Moreira Alves no Maranhão, entre outros exemplos de pessoas que foram fundamentais neste processo.

2.2 AS VÁRZEAS, AS RUAS, OS TERRENOS BALDIOS E A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

Com o passar dos anos após o desenvolvimento do futebol no Brasil, houve uma popularização propagada deste esporte por diversas regiões do nosso país o que fez que com aos poucos as classes operárias também começassem a praticar o futebol de forma improvisada nas várzeas dos rios e nos terrenos baldios.

Sobre o futebol praticado nestes espaços:

> A área preferida pela população pobre para a prática do futebol era a Várzea do Carmo, região que inundava nos meses de chuva no verão, mas que se transformava em uma grande área propícia para o futebol nos demais meses do ano, ao lado dos bairros operários da cidade. Por esta razão, o futebol praticado pela população pobre ficou conhecido como futebol de várzea. (STREAPCO & RÚBIO, 2009, p.16)

Os ricos da elite, que até então eram os únicos praticantes, foram se misturando e dando espaço para os mulatos, pretos, pobres e principalmente operários, que jogavam futebol em campos construídos nas fábricas onde trabalhavam.

Tanto que, como retratado por Streapco & Rúbio (2009), em 1910 o futebol já era o esporte mais popular do país. Nesta época, as regras do futebol já estavam bem assimiladas pela população em geral, o que permitiu com que praticamente todo bairro ou vila das principais cidades brasileiras já contassem com sua equipe própria, o que aos poucos foi fundamental para a criação dos primeiros times populares no país.

Essa rápida popularização do futebol no Brasil desencadeou uma série de fatores sociais e políticos, como a profissionalização do esporte, e consequente discriminação por conta da

elite da prática do futebol profissional por alguns grupos étnicos-sociais. O que fez com que durante muito tempo as camadas mais populares, constituídas em sua maioria por pretos e operários, não pudessem jogar em ligas profissionais de futebol.

Depois de muito embate e resistência destas classes e de alguns times populares que se opunham a regras excludentes da elite brasileira, o futebol profissional começou a ser praticado por todos. Obviamente, este não foi um processo rápido e sem lutas, diversos embates tiveram que ser travados e muita resistência para que isto pudesse acontecer.

Um dos marcos da popularização efetiva do futebol profissional no Brasil foi a "Resposta histórica do Vasco da Gama" em 1924, na qual o time carioca foi impedido de disputar o campeonato que havia vencido no ano anterior por ter em seu elenco jogadores pretos e operários que vinham das classes mais pobres da cidade do Rio de Janeiro. Sendo assim, a Associação Metropolitana de Esportes Athléticos (AMEA) solicitou que o clube excluísse esses jogadores do time, sob a pena de serem excluídos do campeonato: a resposta foi clara, em uma carta redigida pelo então presidente do clube José Augusto Prestes, o Vasco desistiu de fazer parte da AMEA e consequentemente dos campeonatos organizados por esta.

Esta resposta do Clube de Regatas Vasco da Gama para a AMEA é até hoje reconhecida como um dos marcos para a luta contra a discriminação e popularização do futebol no Brasil, no âmbito profissional principalmente, sendo inclusive motivo de orgulho por conta dos torcedores deste clube, que até fizeram uma música a respeito desta resposta, chamada "Camisas Negras":

> Eu vou torcer
> Aqui eu ergui meu templo para vencer
> Eu já lutei por negros e operários
> Te enfrentei, venci, fiz São Januário
> Camisas Negras que guardo na memória
> Glória, lutas, vitórias, esta é minha história
> Que honra ser
> Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)
> Jamais terás a Cruz, este é meu batismo
> Eu tive que lutar contra o teu racismo
> Veja como é grande meu sentimento
> E por amor ergui este monumento

Ainda sobre as questões relacionadas a popularização do futebol no Brasil, Daólio (1997) tenta explicar através de um referencial sócio antropológico motivos pelos quais este

esporte se popularizou e se enraizou de maneira tão rápida e natural em nosso país, de tal maneira que o futebol rapidamente já se tornou parte da nossa cultura, um casamento perfeito que fez com que este fosse o jogo mais praticado em nosso território.

Segundo Daólio (1997, p.102) o futebol "... expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas". Sendo assim, o autor cita quatro aspectos principais do futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro.

Estes aspectos são: a ideia de igualdade democrática possível de ser representada no jogo; a existência e a necessidade do uso do drible no futebol; o fato do futebol permitir a livre expressão; e a miscigenação do povo brasileiro. Estas características estão intimamente relacionadas com a cultura e com o jeito de ser do povo brasileiro, aquele jeito alegre, malandro e que sabe contornar qualquer situação-problema.

Resumindo, para o lado do futebol o drible e as jogadas plásticas feitas por brasileiros sempre foram admiradas pelo mundo inteiro, pela criatividade, pela maneira livre e espontânea de se jogar futebol, sempre com ousadia e alegria nos pés. Em relação a questão da miscigenação do nosso povo, Daólio (1997) relaciona as danças e os rituais indígenas e africanos, como a capoeira que eram realizados com os pés para explicar a nossa facilidade histórica e cultural no manuseio da bola se comparado a outros povos.

E assim como esses rituais e danças, o futebol além de ser possível de ser ensinado, ele é repassado de geração a geração, como se fosse algo herdado culturalmente pelo brasileiro. O que justifica talvez várias expressões populares, como "o brasileiro já nasce sabendo jogar futebol".

Percebemos, entretanto, que não é bem assim, o brasileiro não nasce aprendendo a jogar futebol, mas é ensinado desde pequeno a gostar da sua prática, e antes mesmo de jogar o futebol, ele aprende a brincar com os diversos jogos criados pela nossa cultura, como é o caso das rebatidas, dos bobinhos, dos controles, dos gols a gols, das peladas e diversos outros jogos que são tão comuns na cultura do futebol no Brasil.

Scaglia (1999), compara este processo de criação de novos jogos e regras a partir do desmembramento do futebol, com a criação deste próprio esporte, entretanto no sentido inverso. Enquanto o futebol foi criado a partir da junção de diversos jogos e regras que foram utilizados por diferentes povos e em épocas diferentes, com finalidades diferentes; os jogos e as brincadeiras foram criados, alterando algumas regras, para proporcionar a prática e aumentar o

prazer do jogo em qualquer lugar, com quaisquer objetos e com quantas pessoas fossem necessárias; tornando o assim mais popular para as crianças.

> (...) Os meninos cresciam com uma bola nos pés, e, ao brincar com o futebol, metamorfoseavam suas regras, criavam novos dribles, inventavam inéditas e variadas formas para colocar a bola magistralmente no gol longe do alcance do goleiro, ou seja, faziam do futebol sua brincadeira favorita e da bola seu brinquedo predileto. Essas crianças impulsionadas pelo desejo infantil de imitar os mais velhos, e por conseqüência aprender o jogo, transformavam qualquer espaço livre no palco para uma disputa de futebol, ou então, para o desenrolar faceiro de uma brincadeira com a bola nos pés... (SCAGLIA, 1999, p.17)

Ainda segundo Scaglia (1999) e Freire (2006), esses jogos e brincadeiras tão presentes na nossa cultura foram os responsáveis durante muitos anos por ensinar e ensinar bem o futebol para o brasileiro, sendo então esta “pedagogia da rua” encontrada nas várzeas, nos campinhos, nas ruas e nos lotes baldios responsáveis por criar e moldar através de suas características lúdicas, criativas e espontâneas, os nossos craques e pessoas que além de jogar bem, jogavam com prazer, apreciando e popularizando cada vez mais o futebol no Brasil.

Como retratado por estes autores, com o passar dos anos, e com a consequente urbanização das cidades, estes espaços deixaram de existir: as ruas foram asfaltadas promovendo um grande trânsito de automóveis, os terrenos baldios e campos de várzea deram lugar a casas e prédios; e os poucos locais que ainda existem, em sua maioria nas periferias, acabam por atender a outras realidades: de violência e tráfico de drogas; sendo portanto espaços inviáveis para o desenvolvimento integral de um indivíduo, através de jogos e brincadeiras presentes no futebol.

Além do mais, segundo Scaglia (1999), a realidade de crianças e adolescentes mudou bastante nas últimas décadas, não apresentando mais espaço e tempo para praticar jogos e brincadeiras. Em relação ao tempo, muitas delas o utilizam para trabalhar e assim ajudar nas economias da casa, e aquelas que por algum motivo não precisam disto, acabam por se dedicar a exaustivas horas de estudo em escolas que não se preocupam com o lazer e com a formação integral destes indivíduos.

Sobre o espaço, como já foi dito, dificilmente se encontra opções acessíveis e seguras que propiciem a prática de esportes, como se encontrava antigamente nas ruas e campinhos, sendo a perda destes espaços, uma perda fundamental no processo de ensino-aprendizagem, de formação da identidade do futebol brasileiro e no desenvolvimento da infância.

E agora, como, por quem e onde é praticado e ensinado o futebol no Brasil? Antes de

tentar responder estas questões, vamos tentar justificar uma afirmação frequentemente usada por muitos: “O Brasil é o país do futebol”.

2.3 BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL

O futebol é algo tão presente no cotidiano e na cultura brasileira que até parece que somos os inventores deste esporte. Apesar de não sermos, o Brasil ainda é considerado por muitos como o “país do futebol”, e isto não é nenhuma soberba nossa, pois o brasileiro respira diariamente o futebol.

Não importa a época ou o local, a maioria dos brasileiros, seja: idoso, adulto, jovem ou criança está repleto de vivências e histórias sobre o futebol e os diversos jogos com a bola nos pés que a nossa cultura criou e aperfeiçoou. Apesar de não ter inventado o futebol, o brasileiro segundo Freire (2006) inventou o “brincar de futebol”.

No que diz respeito ao futebol praticado por profissionais, a seleção brasileira masculina é a maior campeã e a única que nunca ficou fora de nenhuma edição de Copa do Mundo. Além de vencedor, o nosso futebol não é apenas resultadista, ele é mágico, encantador: o brasileiro não apenas joga futebol, como o transforma em arte, em espetáculo.

Não é à toa que o Brasil foi e ainda é um celeiro de craques, temos os jogadores considerados reis e rainhas do futebol, Pelé e Marta, e do futsal, Falcão e Amandinha; sendo, portanto, os melhores e maiores jogadores das suas respectivas modalidades esportivas. Sem contar nomes como Ronaldo, Zico, Neymar, Garrincha, Tostão, Jairzinho, Ronaldinho Gaúcho e muitos outros jogadores que encantaram e fizeram história no mundo do futebol, e que se fossem para ser citados todos aqui seria um capítulo à parte.

O futebol quebra os parâmetros do tempo, é algo que fica para sempre na memória de quem viveu, e estes, como se fosse uma obrigação cultural, fazem questão de repassar detalhadamente para as próximas gerações o que vivenciou: os jogos, a magia, os contos, os jogadores, as partidas, tudo isso faz parte do folclore do futebol brasileiro.

Afinal, quem não se lembra da seleção de 1970? O famoso esquadrão, considerado por muitos especialistas um dos melhores times da história do esporte, se não o melhor. E a seleção de 1982? Que apesar de não ter vencido aquela edição de Copa do Mundo ficou ainda mais marcada que a italiana, justamente pelo seu futebol envolvente e encantador que influenciou uma geração inteira a gostar ainda mais do famoso esporte bretão.

A paixão do brasileiro pelo futebol não é apenas pela seleção nacional, um povo tão apaixonado precisa a todo momento viver o futebol, portanto não se contentaria em esperar meses ou anos para torcer pela “amarelinha”. Por isso, o Brasil está repleto de diversos times grandes, que semanalmente são responsáveis por lotar estádios e por quebrar recordes de audiência na televisão brasileira, sejam em campeonatos regionais, nacionais ou internacionais.

Aliás, a escolha do time pelo qual irá torcer é algo que faz parte de uma tradição brasileira, em que na maioria dos casos, as crianças são incentivadas desde cedo pelos pais ou outros familiares a seguirem seu exemplo. Ou seja, o “time de coração” e a paixão por este é como se fosse algo herdado, que deve ser passado de geração a geração, tendo vários rituais para que desde cedo isto aconteça: o primeiro uniforme do time, a primeira ida ao estádio de futebol, entre outros exemplos.

Assistir o time de coração já é parte da rotina do brasileiro, inclusive sendo um momento de lazer e integração entre torcedores, que se reúnem em bares, restaurantes, casas e diversos outros ambientes para prestigiar as famosas e populares partidas de quarta-feira à noite e dos fins de semana. Sem contar os estádios de futebol, na qual no momento da partida, milhares de pessoas compartilham de um único e simples sentimento: o de gritar gol e comemorar a vitória da sua equipe.

Esta paixão pelo futebol e pelo time de coração é muito bem retratada pela banda Skank na música “É uma partida de futebol”:

> A bandeira no estádio é um estandarte,
> A flâmula pendurada na parede do quarto,
> O distintivo na camisa do uniforme,
> Que coisa linda é uma partida de futebol;
> Posso morrer pelo meu time,
> Se ele perder, que dor, imenso crime,
> Posso chorar se ele não ganhar,
> Mas se ele ganha não adianta,
> Não há garganta que não pare de berrar; (SKANK, 1996)

Um povo tão apaixonado por futebol como o nosso, não apenas se contenta em assistir e o acompanhar. Muito pelo contrário, o brasileiro antes de um telespectador é um fanático praticante do esporte mais popular do país.

Quando criança dedica várias horas do seu dia a dia para jogar futebol e os diversos jogos advindos deste, seja na rua, em campinhos, praças ou até mesmo nas escolinhas

esportivas. Talvez por esta paixão e por outros motivos de ordem social, o sonho de praticamente todo menino brasileiro é ser jogador de futebol.

Sonho este que combina com a personalidade e com o jeito brasileiro de ser, somos sonhadores. Apesar de ser alcançado por uma parcela mínima da sociedade, esse desejo de ser jogador de futebol ainda afeta diretamente a vida de todos aqueles que por motivos variados não conseguiram o atingir, fato é, que para essas pessoas, o futebol sempre estará presente nas suas vidas. Como retratado muito bem por João Batista Freire:

> Nunca cheguei àquele futuro de menino. Futebol, para mim, só o dos sábados à tarde ou dos domingos pela manhã na várzea. No entanto, ainda hoje, se me perguntarem o que vou ser quando crescer, ouvirão um menino constrangido respondendo: "Jogador de Futebol". (FREIRE, 2006, p.7)

Já na vida adulta os espaços em que as crianças brincam dão lugar aos campos de futebol ou society, às quadras de futsal e aos terrões ou praças, espaços estes onde acontecem as famosas e esperadas "peladas". Basta andar um pouquinho pelas ruas das cidades brasileiras e logo irá observar grupos de pessoas se reunindo semanalmente (geralmente em dias de semana pela noite ou fins de semana pela manhã ou tarde) para "bater uma bola", como já dito anteriormente tudo isto já faz parte da rotina e da cultura do povo brasileiro. Não há como negar, portanto, que o Brasil é o país do futebol.

Como muito bem resumido:

> Num país com tantos insucessos sociais, os êxitos futebolísticos foram tão grandes que tornaram as tentativas de explicação inevitáveis. Para alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva para esclarecer, basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rola, e o observador atento descobrirá que futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. (FREIRE, 2006, p.2)

Neste capítulo foi mostrado brevemente a relevância social e cultural do futebol no Brasil, passando pela sua história e popularização, mostrando também que este esporte já está impregnado no cotidiano e na cultura do país.

Além do mais, vimos que a urbanização das cidades e a perda de espaços informais para a prática do futebol, como a rua, as várzeas e os lotes baldios desencadeou uma série de mudanças no ensino e na prática do futebol no Brasil.

Agora nos resta levantar e analisar alguns pontos, utilizando dos estudos de João Batista Freire e Alcides José Scaglia, tais como: como o futebol é ensinado no Brasil? Aonde acontece

o ensino deste esporte? Quais são as metodologias de ensino utilizadas e quem são as pessoas que ensinam o futebol?

3. CAPÍTULO II: O ENSINO DO FUTEBOL NO BRASIL

Analisando as obras de Freire (2006) e Scaglia (1999), é válido nos questionar inicialmente e apresentarmos argumentos se realmente é possível ensinar o futebol, e caso seja, por quais motivos devemos ensinar, quem deve ser a pessoa responsável pelo ensino desta prática e como e aonde devem ser realizados o ensino do futebol.

O primeiro questionamento, então: É possível ensinar o futebol?

Esta pergunta pode parecer simples de ser respondida e acredito que a maioria absoluta das pessoas, mesmo sem conhecimento algum sobre o futebol ou pedagogia, responderia que sim: o futebol pode ser ensinado.

Ainda sobre esta questão, muitas pessoas até mesmo professores de futebol, acreditam que não, o futebol não pode ser ensinado e que a sua aprendizagem é um dom inato ou até mesmo divino. Ou seja, segundo eles a criança já nasce sabendo jogar e cabe a ela, e unicamente a ela, a responsabilidade de aprender e aperfeiçoar as suas habilidades naturais, de tal forma que uma pessoa que não nasceu com o "dom do futebol" jamais conseguirá ser um bom jogador.

Sobre as questões biológicas, o futebol por se tratar de um esporte em que exige capacidades físicas obviamente pode beneficiar algumas pessoas que tenham um genótipo e fenótipo que o auxilie na prática futebolística, por exemplo: um goleiro com uma boa altura e envergadura, um defensor que tenha um fator genético que o ajude a ter e manter um bom porte físico, ou um atacante que tenha alguma propensão que o auxilie na corrida, entre outros.

Entretanto, nenhum destes fatores são os únicos responsáveis por fazer alguém jogar bem futebol, pois este esporte além de aspectos físicos, ainda conta com aspectos táticos, técnicos e psíquicos que são até, na maioria dos casos, mais importantes que os físicos, que além do mais ainda podem ser estimulados com treinos, com uma alimentação adequada e até mesmo com a própria prática esportiva:

> (...) penso que qualquer pessoa pode aprender a jogar futebol. Não desprezo a importância dos fatores genéticos, mas esses fatores não podem impedir a aprendizagem de quem quer que seja. Não podemos manipular geneticamente a formação do conhecimento, mas podemos interferir na aprendizagem. (FREIRE, 2006, p.9)

Conclui-se então, que o futebol por ser um produto da cultura humana, que foi acumulado e sistematizado por um conjunto de indivíduos pode e deve ser ensinado. Sendo inclusive um elemento da cultura corporal e um conteúdo de ensino-aprendizagem da Educação

Física presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Resta nos, portanto, responder quem deve ser o responsável por ensinar o futebol e como? Questões estas que serão abordadas posteriormente de forma conjunta, por estarem intimamente relacionadas.

Agora fica o questionamento: Aonde é ensinado o futebol no Brasil?

Como vimos no capítulo anterior, durante muitas décadas o futebol foi praticado principalmente em espaços informais, como a rua, lotes baldios e várzeas; espaços estes que na maioria dos casos não contavam com a presença de uma ou mais pessoas responsáveis pelo ensino deste esporte.

O que víamos eram crianças, jovens e até mesmo adultos jogando e brincando de forma conjunta e heterogênea, o que proporcionava um grande repertório de experiências físicas, motoras, psíquicas e técnico-táticas. Ou seja, segundo Freire (2006), o brasileiro aprendia a jogar futebol brincando de futebol. Eram desses jogos e brincadeiras praticados nas ruas e nas várzeas, em um tempo onde havia fartura de espaço e ludicidade, que surgiram os grandes craques brasileiros.

Com o passar dos anos, a urbanização das cidades diminuiu a quantidade de espaços que permitissem a prática do futebol, as ruas foram asfaltadas e substituídas por prédios, indústrias e empresas atendendo a uma necessidade do crescimento populacional. E os poucos espaços que não atenderam a esta nova realidade, geralmente nas periferias, não apresentam as condições necessárias para que uma criança ou adolescente possa jogar tranquilamente futebol.

Em meio a este contexto, segundo Freire (2006) foram surgindo as primeiras escolas de futebol, numa tentativa de reinventar o futebol praticado na rua. Estas foram as principais tentativas de ensinar o esporte bretão de forma sistematizada, de início os jogadores de futebol se aposentavam e viravam professores das suas próprias “escolinhas”.

Segundo Antunes (2011), as primeiras escolinhas de futebol surgiram no final da década de 1960, após o fracasso da seleção masculina na Copa do Mundo de 1966, onde não conseguiu obter os mesmos resultados vitoriosos das duas edições anteriores do mesmo campeonato. Portanto, estas surgiram inicialmente como uma forma de produzir e formar novos atletas para que estes pudessem futuramente vir a representar o país nos campeonatos.

Além do mais, muitas das vezes, os pais ou responsáveis matriculam as crianças com a expectativa de que no futuro ela irá a se tornar um jogador profissional, e consequentemente promover a ascensão social da família, o que sabemos que é muito difícil e que ainda traz uma

responsabilidade muito grande para crianças e adolescentes. E em muitos casos, as próprias escolinhas utilizam destes anseios paternos como um instrumento de captação de alunos.

Afinal, se meu filho tem como professor ou faz futebol na escolinha de um ex jogador de futebol, a chance dele também se tornar um jogador profissional aumenta, certo? Errado! Como muito bem evidenciado por Scaglia (1999), saber jogar futebol não implica necessariamente em saber ensinar futebol. Mas este é o pensamento mais comum e que os pais levam em consideração na hora de escolher uma escola de futebol para seus filhos.

Estes espaços em sua grande maioria são particulares, ou seja, não são tão acessíveis e heterogêneos como a rua foi um dia, por não possibilitar a prática e a vivência do futebol por todos, apenas daqueles que apresentam condições financeiras de se matricularem nestas instituições de ensino.

O foco deste estudo será o futebol praticado e ensinado nestes espaços de ensino que se popularizaram de forma exponencial em nosso país, as escolinhas. Entretanto, o futebol também é ou pelo menos deveria ser ensinado nas escolas brasileiras, como um conteúdo da Educação Física que está presente na Base Nacional Curricular Comum.

Pelas aulas de futebol na perspectiva da educação física escolar não serem o foco deste presente estudo, não iremos aprofundar neste espaço e sim nas escolas de futebol. Entretanto, o futebol do ponto de vista do ensino, assim como retratado por Scaglia (1999) deve ser ensinado da mesma maneira como é ensinado o português ou a matemática, por exemplo. O professor responsável deve ter as competências necessárias, dominar o conteúdo e ter um planejamento e uma pedagogia que o possibilite atingir seu objetivo, que é o bom ensino para todos:

> Ensinar – e todos os que ensinam sabe disso – é trabalho pesado, é ciência e arte; uma das mais difíceis e estafantes tarefas humanas, não importa se se trata de futebol ou matemática. Conseguir ensinar futebol no Brasil é, no mínimo, aproximar-se do nível de competência pedagógica da rua. Tarefa que exige, entre outras coisas, trazer a cultura futebolística do brasileiro para dentro da escola. Como a escola não é a rua, é claro que isso só poderá ser feito com diversas adaptações. Por um lado, se perderá o ambiente natural de aprendizagem das brincadeiras de rua; por outro lado, isso poderá ser compensado com a inclusão de bons profissionais, que sejam formados para, efetivamente, ensinar futebol. (FREIRE, 2006, p.3)

Portanto, se o futebol é ou deve ser ensinado nas escolas por ser um conteúdo da Educação Física e da cultura corporal, por que e quais são os objetivos do seu ensino nas escolinhas de futebol?

Como retratado por Scaglia (1996), há dois principais e distintos objetivos que esses

espaços não formais de ensino buscam ao ensinar futebol: a busca de novos talentos e craques, com um objetivo de tornar os alunos em jogadores de alto rendimento; e o outro com caráter pedagógico-educacional, sendo este último o que acreditamos, em conjunto com o referencial de autores, ser o ideal para o ensino e formação do futebol para crianças e adolescentes.

Acreditamos, portanto, segundo um levantamento referencial, que a função das escolinhas de futebol é o mesmo das escolas, ainda que não seja um espaço formal de ensino, o seu objetivo evidentemente é o de ensinar futebol. Entretanto, o que deve ser ensinado é além dos aspectos técnicos e táticos do futebol.

Como retratado por Freire (2006), estes espaços devem ser também responsáveis por desenvolver os alunos como um todo, para que estes além de saberem jogar bem, entendam o futebol como um fenômeno social e cultural, na qual por ser um produto humano está intimamente relacionado com a sociedade em que vivemos, apresentando qualidades e defeitos pertinentes a esta que devem ser discutidos, problematizados e transformados.

De tal maneira, de acordo com Scaglia (1999) em uma aula de futebol deve ser trabalhada também os valores éticos e morais, estimulando os sentimentos de cooperação, solidariedade, cooperação e criatividade para que durante e ao final do processo, os alunos consigam compreender e ser um agente transformador do futebol e sua prática, assim como da sociedade como um todo.

Ao ensinarmos mais do que os conteúdos técnicos e táticos do futebol, e fazendo com que as aulas caso sejam bem trabalhadas e ao mesmo tempo prazerosas e divertidas para os alunos, iremos criar uma cultura esportiva que se tornará um hábito para toda a vida destes educandos. De tal forma, que estes não precisarão ser jogadores profissionais para colher a satisfação e os proveitos da prática em si.

O que veremos serão cidadãos que irão apreciar o esporte, como lazer e/ou saúde, seja como praticante nas peladas e nos joguinhos entre amigos ou como consumidor passivo que saberá ter um posicionamento crítico a respeito do que acontece no fenômeno esportivo futebol.

Ainda sobre esta questão, Freire (2006) elenca quatro princípios norteadores que devem ser considerados no ensino do futebol. Em primeiro lugar, o autor defende que é necessário ensinar futebol a todos, fazendo uma crítica a professores e treinadores que dão um foco maior para alunos que por algum motivo apresentam um nível de habilidade maior e excluem os que apresentam maior dificuldade. A respeito deste princípio é importante destacar também que o futebol ele deve ser ensinado para qualquer pessoa, independentemente da classe social, etnia

ou gênero, ele deve ser democrático.

O que percebemos então, é uma pequena falha estrutural das escolinhas de futebol, que em sua maioria são privadas, e, portanto, acabam por excluir uma parcela grande da sociedade que não apresenta condições de custear uma escola esportiva. Ou seja, o acesso ao ensino e até mesmo à prática do futebol, que em outros momentos, era realizado de forma gratuita e democrática, passou a ser exclusivo de uma parcela da sociedade.

Além do mais, ao presenciarmos as escolinhas de futebol, percebemos um número muito maior de meninos matriculados do que meninas. Na maioria dos casos, isso se dá por um fator histórico, cultural e social em que o futebol é considerado coisa de homem, e não de mulher. Logo, os pais ou responsáveis têm receio em matricular suas filhas para praticar futebol.

Felizmente aos poucos essa realidade está sendo mudada em nosso país, mas ainda há muita luta para que o objetivo final consiga ser atingido, sendo este também um dos papéis dos professores responsáveis pelo ensino do futebol: o de lutar por esta igualdade e o de trazer e problematizar estas questões no momento das aulas. Percebemos, portanto, que nesse quesito, estes espaços de ensino têm muito o que evoluir, até o momento em que sejam completamente democráticos e acessíveis a todos, sem distinção.

O segundo princípio trazido por Freire (2006) é o de ensinar futebol bem a todos, a respeito disso o autor afirma que não basta ensinar, mas ensinar bem. Ou seja, independentemente do nível de habilidade do aluno acreditamos que é possível ensinar futebol, desde que haja comprometimento do aluno e que o professor respeite o tempo e o interesse de cada um, e que utilize de toda a paciência, conhecimento e didática necessária para se atingir ao objetivo de ensinar bem o futebol a todos.

Freire (2006) coloca como o terceiro princípio algo que já foi discutido anteriormente neste estudo, que é o de ensinar mais que futebol a todos, pois dessa forma estaríamos dando uma rica contribuição para o desenvolvimento físico, psíquico, moral e social-cultural dos indivíduos. Dessa forma, o professor deve sempre estar conversando sobre as situações-problemas e conflitos ou ocasiões que ocorreram nas aulas, de tal forma que durante e após o processo o aluno seja capaz de compreender as suas ações e perceber e transformar as diversas questões da sociedade, pertinentes ou não ao futebol.

Sobre o último princípio, que é o de ensinar a gostar do esporte:

> De que adiantaria utilizar uma pedagogia enfadonha, triste, repetitiva, autoritária? Nem duvidamos que ela também ensine habilidades para o futebol, mas se a pessoa não gosta do que está fazendo, por qual motivo incorporaria esta prática aos seus

> hábitos de vida? Práticas desagradáveis só são incorporadas ao cotidiano quando se mostram indispensáveis para a vida. (FREIRE, 2006, p.10)

Sendo assim, João Batista Freire entra em uma questão um tanto quanto óbvia, mas que muitos professores de futebol acabam por não entender: por que não utilizarmos de uma metodologia mais lúdica e prazerosa, repleta de jogos e brincadeiras para que as crianças aprendam a gostar da prática do futebol ao invés de utilizar de treinos exaustivos e repetitivos de gestos técnicos? Ainda segundo Freire (2006, p.10) "Antes de qualquer ensinamento, o aluno precisa aprender a gostar do que faz. Ora, é fácil deduzir que a gente costuma gostar mais daquilo que nos dá prazer que daquilo que nos causa sofrimento".

Iremos apresentar e discutir agora um pouco mais a respeito de dois questionamentos que foram levantados no começo deste capítulo, e que ainda faltam ser respondidos, mesmo que de forma indireta já tenham sido introduzidos: Quem ensina o futebol no Brasil e como?

Questões estas, que estão intimamente relacionadas, pois a maneira pela qual o futebol é ensinado depende diretamente da pessoa responsável pelo seu ensino.

Portanto, quem ensina o futebol no Brasil?

Esse questionamento não deveria ocupar muito tempo do nosso estudo, pois a sua resposta deveria ser óbvia e objetiva: o futebol deveria ser ensinado por profissionais que tenham uma formação superior, com base em tendências pedagógicas, que os capacitem a serem responsáveis por ministrar as aulas de futebol, sejam nos espaços formais de ensino, nas escolas, ou então nas escolinhas de futebol.

Entretanto, o que vemos ainda, como retratado por Antunes (2011) é que muitos profissionais desta área não apresentam curso superior de Educação Física ou Esportes. Sendo estes, portanto, apenas pessoas que em algum momento da vida tiveram uma vivência anterior com o futebol, seja como ex jogador de futebol, ou como um mero praticante do esporte.

Estas pessoas, como analisado por Scaglia (1999) e Antunes (2011), na maioria das vezes não apresentam um trabalho pedagógico na hora de ensinar o futebol, justamente por não terem uma formação que o possibilitem para tal. O que vemos então, são aulas sem planejamento algum, e que não levam em consideração as individualidades e o desenvolvimentos dos alunos.

Além do mais, o que vemos nestes casos, são quatro fatores que segundo Paes e Balbino (2009) são problemas comuns identificados do ponto de vista pedagógico no ensino de esportes coletivos, entre eles o futebol, são eles: a prática esportivizada, a prática repetitiva, a

fragmentação de conteúdos e a especialização precoce. Vale destacar, que estes são problemas frequentemente identificados em aulas futebol ministradas por profissionais de todas áreas, tenham eles formação ou não em Educação Física, entretanto é mais comum por aqueles que não a tenham, justamente por não apresentarem um embasamento teórico grande.

A prática esportivizada, segundo Paes e Balbino (2009) é um problema de cunho pedagógico, nas quais as aulas estão voltadas para o ensino e a repetição de gestos técnicos. Neste cenário, os fundamentos do futebol: passe, condução, finalização, controle de bola, entre outros, são trazidos pelo "professor" sem uma contextualização do jogo como um todo. Primeiro se faz um exercício voltado exclusivamente para o passe, repete com algumas variações, e depois se trabalha a condução e por aí vai.

Este problema, além de repetir o que o aluno já sabe, trazendo assim nenhuma ou pouca evolução para a sua formação e aprendizagem, acaba por comprometer o seu desenvolvimento dentro da prática esportiva e por diminuir o seu interesse pelo futebol como um todo, por se tratar de aulas monótonas, sem ludicidade e sem grandes desafios para o aluno, fatores estes que são fundamentais para a aprendizagem e a apreciação da prática esportiva.

O segundo problema identificado por Paes e Balbino (2009) é a prática repetitiva, que nas escolinhas de futebol é algo muito comum. Nestes espaços muitas das vezes, a mesma aula realizada para alunos de 14 anos é feita também para os de 8 anos, não levando, portanto, em consideração a progressão de conteúdos e a evolução dos alunos. Nesse exemplo citado, pode ser que a "aula do dia" para o adolescente de 14 anos seja fácil e sem nenhum desafio que o faça confrontar o seu conhecimento já acumulado, proporcionando pouca chance para o seu desenvolvimento e evolução; e para a criança de 8 anos essa aula seja algo muito acima do conhecimento anterior que este já traz, sendo praticamente impossível de realizar.

Em ambos os casos citados no exemplo acima, os alunos irão se sentir desmotivados: ou por conseguirem realizar com facilidade o objetivo ou por não o conseguirem. De toda forma, isso mostra uma falta de conhecimento do responsável pela aula em questão, em relação aos níveis de desenvolvimento dos alunos e quais são os objetivos que cada um podem atingir.

O terceiro problema identificado por Paes e Balbino (2009) é a fragmentação de conteúdos, também relacionado com a falta de planejamento pedagógica, na qual não existem uma progressão e planejamento das atividades propostas. É como se em um dia o professor trabalhasse nas aulas exercícios que não deveriam ser trabalhados naquele momento. Os professores, como retratado por Freire (2006) devem sempre levar em consideração um plano

de ensino, na qual a cada é apresentado um conteúdo, e que este seja reforçado na aula seguinte, e que os temas das aulas tenham relação entre si, não uma aula isolada que é improvisada momentos antes da aula:

> Ao fragmentar-se o ensino, caminha-se das técnicas analíticas para o jogo formal, ocasionando uma super valorização e hierarquização das técnicas, o surgimento de ações mecânicas pouco criativas e comportamentos estereotipados, o que acarreta sérios problemas na compreensão do jogo, ou seja, leituras deficientes e soluções pobres, como mostra Garganta em seus estudos. Priorizando o ensino da técnica, estamos nos distanciando do criativo, do imprevisível, do lúdico e do coletivo, pois a estereotipação técnica é limitadora, monótona, repetitiva e individual. (SCAGLIA, 1999, p.47)

A sistematização dos conteúdos, portanto, deve ser uma prática comum do trabalho pedagógico, de tal forma que os alunos tenham a possibilidade de rever constantemente os conteúdos já acumulados e ao mesmo tempo aprender algo novo, de tal forma que já esteja preparado para futuros aprendizados.

Para finalizar, os problemas comuns trazidos por Paes e Balbino (2009), a especialização precoce é algo que vemos cada vez mais cedo, sendo um dos maiores problemas no ensino esportivo em geral. O que vemos nas escolinhas esportivas são pais matriculando suas crianças cada vez mais cedo nas modalidades esportivas, por um desejo precoce e imediato de verem seus filhos sendo os melhores, no caso aqui do futebol, de tal forma que assim aumentarão suas chances de ser craques. E isto a curto, médio e longo prazo desencadeiam uma série de fatores que acabam por dificultar o desenvolvimento dos alunos, na ordem psíquico-social, físico-motor e técnico-tático.

Ao invés de apresentar as crianças as diversas modalidades esportivas e conteúdos da cultura corporal, o que daria um repertório motor, físico e social gigante para a criança; os pais preferem desde cedo condicionar seus filhos a uma prática esportiva exclusiva. E muitas vezes, os próprios professores das escolinhas, movidos pela necessidade de ter cada vez mais alunos acabam por aceitar e estimular essa entrada precoce de alunos em seus estabelecimentos.

Portanto, diante de alguns problemas comuns pertinentes as aulas de esportes, em especial o futebol nas escolinhas, percebe-se que é evidente que não basta saber jogar futebol para saber ensinar o futebol. Saber jogar pode sim auxiliar e ser uma vantagem de alguns profissionais, mas desde que estes tenham uma formação acadêmica em educação física e, portanto, utilizem de um conhecimento teórico e pedagógico que o auxilie no seu papel como professor, afinal ensinar é coisa séria e que exige responsabilidade, portanto não deve ser realizado por qualquer um:

> Não podemos falar de pedagogia sem levar em consideração: um professor que desempenha o seu papel de educador, comprometido com sua função de agente transformador e carregado de responsabilidades, e uma escola que permita o desenvolvimento do trabalho, ciente de seu decisivo papel na formação e modificação da sociedade. (SCAGLIA,1999, p.2)

Muitos professores de futebol, portanto, esquecem que são professores e, portanto, acima de tudo apresentam a função e a responsabilidade de formar, de possibilitar o entendimento dos conteúdos e temas apresentados, assim como estimular o espírito crítico do aluno. De tal forma, que não é unicamente sua função formar apenas um bom jogador de futebol, mas também um cidadão consciente capaz de compreender a prática, os valores e a sociedade na qual está inserido.

Conclui-se então, segundo Scaglia (1999), que a maneira pela qual o futebol é ensinado nas escolinhas depende diretamente das pessoas responsáveis pelo seu ensino. Há professores que gostam de basear as suas aulas na repetição de gestos técnicos e dos treinos de jogadores profissionais, há outros que preferem utilizar apenas do jogo em si, com pouca ou nenhuma intervenção da sua parte, acreditando que a melhor forma de se aprender a jogar é jogando e desenvolvendo as habilidades inatas dos alunos, e há os professores que utilizam de uma pedagogia planejada e sistematizada que leva em consideração o desenvolvimento do aluno.

Sendo assim, será apresentado agora com mais ênfase, a pedagogia do futebol, uma proposta pedagógica desenvolvida por João Batista Freire, que apesar das suas especificidades, se dialoga com o estudo de diversos outros autores que buscam compreender o tema da pedagogia do esporte, levando em consideração os interesses e especificidades dos alunos, assim como a contextualização da prática do futebol através de jogos e brincadeiras comuns da cultura do nosso país.

4. CAPÍTULO III: PEDAGOGIA DO FUTEBOL

4.1 ASPECTOS GERAIS DA PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Neste capítulo será apresentada uma proposta pedagógica que busca quebrar os modelos tradicionais e tecnicistas de ensino, na qual o futebol não é trabalhado em sua totalidade: a pedagogia do futebol, proposta por João Batista Freire e também estudada por Alcides Scaglia e outros autores.

Antes de mais nada, não negamos a existência e a importância de outros referenciais teóricos, quando o assunto é o ensino do futebol. Pelo contrário, um profissional qualificado deve saber a maior quantidade possível de estudos e formas de se ensinar e sistematizar os conteúdos deste esporte.

A escolha da pedagogia do futebol, obra de João Batista Freire, como norteadora deste estudo se dá muito pelo um contexto social e cultural brasileiro. Na qual, como já retratado em capítulos anteriores teve a rua, os lotes baldios e as várzeas como os principais espaços de prática e até mesmo ensino, mesmo que de forma não sistematizada, do futebol no país.

E nesta pedagogia, até mesmo por ter como autor referência um brasileiro, é dada muita importância para as brincadeiras e os jogos presentes na cultura da rua, considerando estas práticas como indissociáveis do futebol no Brasil, de tal forma que fazem parte da nossa cultura e da nossa forma de aprender e jogar o futebol.

Em sua obra “Pedagogia do Futebol”, Freire (2006), como já descrito anteriormente, defende a importância que a rua e os espaços informais tiveram na prática e popularização do futebol no país. Dando ênfase e o mérito necessário para os jogos e brincadeiras populares presentes na rua como fundamentais para a formação dos grandes jogadores criados em nosso país, não apenas aqueles que chegaram a ser profissionais, mas também para aqueles que seguiram outros caminhos, mas ainda sim tem o futebol como prática frequente do seu cotidiano.

Sendo assim, além de um estudo pedagógico a respeito do ensino do futebol, João Batista Freire busca entender os fenômenos pelos quais o Brasil durante muitos anos se tornou referência mundial do esporte, sendo até considerado por muitos como o “país do futebol”, mesmo não tendo o inventado. E é por isso que o autor a todo momento enfatiza a importância que a rua e sua pedagogia teve na formação, desenvolvimento e apreciação do fenômeno futebol no Brasil.

Segundo o autor, a rua tinha sua pedagogia própria, a pedagogia da liberdade, da criatividade e do desafio, na qual criança ensinava criança, adulto ensinava criança e esta diversidade de experiências, na maioria das vezes prazerosa, ensinava os seus praticantes a jogar futebol brincando de futebol e tendo antes de tudo a apreciação pela prática esportiva.

Talvez isso explique, segundo João Batista Freire, os motivos pelos quais a maioria dos meninos tinham e ainda tem, mesmo que em menor proporção, o sonho de ser jogador de futebol.

Uma vez que as ruas e os diversos espaços nas quais as práticas de futebol eram realizadas foram perdendo o espaço durante a urbanização das cidades, se fez necessário o surgimento das escolinhas de futebol. O que o autor defende então não é uma retomada da prática do futebol para as ruas, uma vez que seria necessário para isso uma reformulação geral da sociedade em que vivemos, o que não é viável, mas sim a volta da rua como instrumento simbólico, na qual os jogos e as brincadeiras e os aspectos positivos da pedagogia da rua sejam inseridos no ensino do futebol nas escolinhas.

Ainda segundo Freire (2006), a rua e as escolas (sejam elas formais ou informais) são instituições diferentes e com distintas finalidades, nas quais há diversas coisas presentes na rua que não devem ser reproduzidas nas escolas, entre elas a exclusão, sendo, portanto, papel do professor não reproduzir os aspectos negativos presentes nesta pedagogia:

> Lembro perfeitamente do quanto chegava a ser excludente, para alguns, a pedagogia da rua. Portanto, não é porque essa pedagogia está carregada de virtudes que a escola de futebol deve ser simplesmente uma repetição do que se faz na rua. Por outro lado, não é porque ela tem defeitos que a escola de futebol deve ignorar a competência com que a rua ensina as crianças. (FREIRE, 2006, p. 7)

Freire (2006) cita, portanto, quatro princípios norteadores que os professores devem seguir para o ensino do futebol, princípios estes que já foram detalhados no capítulo anterior, são eles: ensinar o futebol a todos, ensinar o futebol bem a todos, ensinar mais do que futebol a todos, e ensinar a gostar do esporte.

Fazendo uma breve resumida destes princípios, Freire (2006) então destaca que o futebol deve ser acessível a todos, independentemente do nível técnico ou da etnia, gênero, classe social, antes de tudo o futebol precisa ser democrático. Além do mais, é necessário que os professores consigam em suas aulas, ensinar bem os alunos, através de práticas lúdicas e prazerosas que façam com que estes aprendam a mais do que tudo gostar do futebol, sem a finalidade principal de formar craques e jogadores profissionais, e sim formar cidadãos críticos

e conscientes através dos diversos valores presentes no futebol.

> Um estabelecimento de ensino, formal ou informal, não pode se limitar a detectar promissores talentos, nem iludir crianças com promessas de sucesso por jogarem em determinadas escolinhas de ex-atletas. Devemos salientar não ser função das escolinhas transformar alunos em atletas profissionais, como não é função da escola fundamental especializar alunos em profissões. Isso é função das faculdades ou escolas técnicas secundárias. A passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol deve acontecer a posteriore, num clube, ao cabo de uma especialização. (SCAGLIA, 1999, p. 35)

Além destes quatro princípios norteadores, João Batista Freire elenca vinte condutas pedagógicas, segundo as suas experiências pessoais, que alicerçadas a estes podem promover um ambiente de aprendizagem mais satisfatório. Entre estas 20 condutas, destacaremos algumas destas por considerarmos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem do futebol:

- Todo professor deve ter permanente formação pedagógica;

- O professor deve participar ativamente das aulas, interrompendo as aulas quando necessário para explicar algo que não foi muito bem entendido pelos alunos;

- Todas as aulas devem ser planejadas com antecedência;

- O professor deve promover rodas de conversas rápidas no início e no final de cada aula;

- Quando surgir conflitos, desacordos ou discussões em torno do jogo, o professor deve aproveitar a ocasião para administrar a construção de regras pelos alunos;

- Durante as aulas, as atividades devem ser diversificadas e lúdicas;

- Dar preferência a jogos em pequenos grupos, e fazer adaptações para que as crianças possam fazer muitos gols, principalmente para alunos mais novos;

- Levar em conta as necessidades e interesses dos alunos, de acordo com cada faixa etária;

- Promover entre os alunos rodízios de posicionamentos, não havendo, portanto, a especialização em posições;

- Todos os alunos devem ser permanentemente avaliados;

Percebemos então, que de acordo com João Batista Freire, o professor deve ser responsável por diversas condutas pedagógicas para potencializar o desenvolvimento dos alunos, portanto este não pode ser qualquer um, mas sim uma pessoa que além de possuir formação para desempenhar essa função deve participar ativamente da aula, ter um

planejamento, levar em consideração os interesses e os níveis de cada aluno, assim como diversos outros recursos metodológicos.

4.2 FORMAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E A HISTÓRIA DE VIDA DOS ALUNOS

Ainda segundo Freire (2006), algo fundamental para o desenvolvimento e para a organização motora- intelectual é a "história de vida" da criança, ou seja, as suas experiências acumuladas. Sendo assim quanto mais rica e diversificada for essas experiências mais desenvolvida a criança será, seja de forma físico-motor, afetivo-emocional e até em questões de sociabilidade.

> Por exemplo, a inteligência, para se desenvolver, precisa de problemas, porém, de problemas possíveis, pouco adiante do nível em que se encontra a criança num dado momento. De sua parte, a afetividade se desenvolve em situações emocionais que, na criança, são nitidamente corporais; as crianças precisam de contato corporal com outras pessoas, precisam ser acariciadas, é preciso que se converse com elas, precisam brincar. A motricidade se desenvolve em situações diversificadas de movimentos. Essas situações dependem do meio mais solicitador ou menos solicitador em que a criança vive. (FREIRE, 2006, p.21)

Neste trecho, João Batista Freire entra também em uma nova questão: as experiências acumuladas pelas crianças estão intimamente relacionadas com o meio em que estão inseridas. Sendo assim, podemos destacar outro aspecto positivo da rua e sua pedagogia, pois nesta não se via apenas brincadeiras de futebol, mesmo que fossem dominantes, mas se via de tudo: as crianças brincavam de amarelinha, betis, pique-esconde, pega-pega, soltar pipa e muitos outros jogos e brincadeiras que traziam uma série de ricas e diversificadas experiências para as crianças.

Todas essas brincadeiras eram desafiadoras e diferentes umas das outras, portanto a todo momento as crianças precisavam aprender e sistematizar algo novo através das situações-problemas encontradas. E isto, promove uma bagagem motora, cultural, social e afetiva que é muito bem utilizada no futebol, crianças que tiveram essas vivências anteriores apresentam uma facilidade muito maior em aprender novas práticas do que aquelas que são pobres de experiências.

Sendo assim, é necessário estimular as mais diversas e ricas práticas e experiências para as crianças, para em um momento oportuno haver a especialização em esportes, no nosso caso aqui no futebol.

De acordo com este pensamento, Freire (2006) defende então que não devem existir

escolinhas de futebol especializadas no ensino deste esporte para crianças com menos de 6,7 anos, período este em que as estruturas morais, cognitivas, sociais e afetivas já se encontram minimamente amadurecidas. O que deve ter, portanto, antes disso são ambientes favoráveis para o desenvolvimento das crianças, ambientes que podem sim apresentar brincadeiras e jogos esportivos, mas desde que não tenha uma sistematização rígida.

Como já retratado nas escolinhas esportivas geralmente há a entrada precoce de alunos, na qual muitas vezes são matriculadas crianças com 3,4 anos e este é, portanto, o espaço onde ocorre, em alguns casos, os primeiros contatos das crianças com esportes, brincadeiras e jogos. Ou seja, estas crianças entram nestas instituições sem ter antes vivenciado outras práticas, tendo assim um repertório motor e social pobre.

Por isso, que segundo Freire (2006) se deve antes de tudo criar um ambiente favorável as crianças, nas quais elas possam vivenciar as mais diversas modalidades esportivas, sejam elas com bolas, raquetes; as mais variadas brincadeiras e jogos, para em um momento oportuno (a partir dos 6,7 anos segundo o autor) começar a se trabalhar mais o futebol em si. E mesmo neste momento, a criança deve continuar a ser estimulada a brincar de futebol, e não algo sistematizado rigidamente, como o ensino repetitivo de técnicas.

Ainda sobre esta questão da entrada precoce de alunos nas escolinhas, o que vemos é uma necessidade imediata dos pais em matricular seus filhos nas escolas de futebol, quase que simultâneo ao aprender a andar da criança. E por esta necessidade do mercado em atender a esta alta demanda de crianças ainda na primeira infância, várias escolinhas abrem turmas com o medo destas crianças irem para a “concorrência”.

Nestes casos, o que deve ser feito então é explicar e convencer os pais, que uma criança de 4 anos pode estar se matriculando em uma escola esportiva, mas que nestes primeiros contatos as aulas não terão como foco principal o futebol e seus gestos técnicos, mas sim brincadeiras e jogos que as desenvolvam integralmente e que a façam ter uma apreciação pelo exercício físico, depois pelo esporte e enfim pelo futebol: ou seja não é preciso ter pressa!

4.3 FUNDAMENTOS E HABILIDADES ESPECÍFICAS DO FUTEBOL

Em relação ao conteúdo das aulas, Freire (2006) propõe uma série de exercícios baseados em brincadeiras e jogos adaptados para o ensino do futebol, de acordo com o tema a ser desenvolvido. Sendo assim, as habilidades específicas do futebol, ou seja, seus fundamentos

de finalização, passe, condução, controle de bola, desarme, lançamento, cruzamento, cabeceio e defesas do goleiro, são trabalhados de forma conjunta, mesmo que se dê o foco para um ou mais destes nas atividades, estes se fazem contextualizados com as brincadeiras ou minijogos.

Portanto, por exemplo para uma aula na qual tenha como tema o ensino e aprofundamento do fundamento passe, podem ser trabalhados o bobinho, o passa 10, um futênis, uma queimada ou um pega-pega com a bola nos pés. E os jogos adaptados, nas quais podem ser realizados um jogo limitando o número de toques na bola, definir se estes passes serão rasteiros, altos ou ambos, além de poder mexer com a dinâmica do jogo, por exemplo só passar a bola para quem se desloca, entre outros.

Todos esses exercícios propostos e citados por João Batista Freire são apenas alguns de um total gigante de jogos e brincadeiras que foram acumulados e transformados pela pedagogia da rua, além do mais podem e devem sofrer variações e adaptações de acordo com o nível de habilidade dos alunos.

Ainda sobre os fundamentos do futebol, Freire (2006) destaca que estes apresentam afinidades entre si, alguns mais que os outros, como é o caso do drible e desarme (tem a pessoa que ataca driblando e a que defende com o intuito de desarmar), passe e finalização, passe e cruzamento, finalização e defesas do goleiro, entre outras. Ou seja, tanto as brincadeiras quanto os jogos adaptados trabalharão de maneira lúdica diversos fundamentos do jogo, e de forma contextualizada dando foco para o tema da aula, e não apenas uma simples repetição de gestos técnicos ou do jogo em si sem contextualização alguma.

Algo que deve ser lembrado também nas questões relacionadas ao ensino-aprendizagem do futebol são as capacidades motoras, que cada vez mais são fundamentais na prática e no bom aprendizado esportivo, são elas: equilíbrio, motricidade fina, velocidades de reação, de chute e de deslocamento, agilidade, forças de chute, geral, de salto vertical e horizontal, entre outras.

Por exemplo, uma finalização para aumentar a sua chance de ser bem concluída precisa contar com as seguintes capacidades motoras: o equilíbrio para que se consiga posicionar o corpo da melhor forma para se finalizar, da motricidade fina ou seja a escolha de qual parte do pé ou do corpo irá utilizar para finalizar, assim como a sutileza da sua execução, e as questões relacionadas a força e velocidade do chute, nas quais dependem do contexto do jogo para saber qual a melhor maneira de se finalizar.

Sendo assim, um elemento fundamental para a ação motora, é a própria noção que a pessoa tem de seu corpo, e quanto mais integrado as habilidades e capacidades motoras

estiverem, e quanto mais experiências essa tiver tido durante a vida, mais desenvolvida essa consciência corporal será.

Percebe-se então que o futebol é um jogo nas quais diversas capacidades e habilidades motoras devem ser integradas para que haja uma boa aprendizagem e um bom praticante do esporte, de forma coerente, se não perdem o sentido para o futebol. E estas habilidades são um conjunto integrado entre os fatores físicos, intelectuais, técnico-táticos, afetivos, sociais e morais.

Devemos, portanto, segundo Freire (2006) ensinar e estimular que os alunos saibam resolver de forma individual e principalmente coletiva as diversas situações-problemas que o futebol apresenta, e está é mais uma vantagem que os jogos e brincadeiras apresentam por se tratar de atividades ricas em desafios e problemas que precisam ser resolvidos em um curto espaço e tempo:

> O futebol é um jogo coletivo, inteligente e tático. As habilidades individuais se perdem, se tornam inúteis quando esse todo do jogo coletivo não é percebido pelo jogador. Se suas habilidades individuais puderem ser utilizadas no contexto geral do jogo, elas serão úteis, caso contrário, ele será apenas um malabarista, mais indicado para exibições que para desempenhar um papel relevante no jogo do futebol. (FREIRE, 2006, p. 65)

Ainda segundo Garganta (1995) no seu estudo a respeito dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), a técnica, ou seja, como fazer, deve ser importante para a resolução dos problemas do jogo, ou seja, ela surge em função da tática, de forma orientada e provocada. Além do mais devem ser pautadas do jogo para as situações particulares, e não o contrário como vemos frequentemente nas aulas de futebol, na qual se ensina os fundamentos de forma descontextualizada para depois jogar.

Fazendo um paralelo com as ideias de Freire (2006) e de Garganta (1999), o que percebemos ainda no Brasil, é a formação de alunos e atletas com muita habilidade técnica, mas que não conseguem resolver as situações encontradas no futebol, ou até mesmo jogar de forma coletiva, tomando na maioria das vezes decisões erradas durante o jogo.

E isto se dá, segundo estes autores, pela forma pelo qual é ensinado o futebol, em nenhum momento os fundamentos e as técnicas devem ser negligenciados no ensino do futebol, mas estas devem ser utilizadas como um meio de resolver os problemas do jogo, pois não se adianta nada saber driblar e ter um rico acervo de dribles se não saber quando os utilizar.

Ainda a respeito das habilidades fundamentais do futebol, podemos as classificar de quatro maneiras, segundo Freire (2006): habilidades individuais: finalização, condução,

cabeceio e controle; as habilidades coletivas de oposição, que são o drible, o desarme e as defesas do goleiro; as habilidades coletivas de cooperação, como o passe, cruzamento e lançamento; e as habilidades cognitivas de integração, que são as habilidades voltadas para a percepção e resolução dos problemas do jogo, no âmbito tático.

4.4 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO E DIVISÃO DAS TURMAS NAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL

Freire (2006) defende que o ensino do futebol nas escolinhas esportivas deve ser realizado de forma coerente e respeitando o desenvolvimento dos alunos. Além do mais essa aprendizagem deve vir a trazer benefícios na vida cotidiana das crianças, assim como na de cidadão, de maneira que não importa se esta virá a ser jogador profissional ou um engenheiro, mas de todas as formas o conhecimento e as habilidades motoras, sociais, afetivas adquiridas irão ser fundamentais no desenvolvimento desta pessoa.

Como já vimos também o futebol deve ser ensinado para todos, independentemente do nível de habilidade, da etnia, gênero e condição social. Portanto, em relação ao ensino do futebol Freire (2006) sugere que nas escolinhas tenha a divisão de turmas de acordo com a idade das crianças e se necessário também com o nível de desempenho de cada uma.

O autor sugere então a divisão de turmas em seis categorias, de acordo com as idades das crianças, de forma que o desenvolvimento de cada uma não deve ser prejudicado com essa classificação, ou seja, ela não pode ser um meio de limitação de conhecimento. Então segundo Freire (2006, p.73) “Por exemplo, se um aluno de 8 anos que está em um nível I apresenta melhor desempenho que seus colegas desse nível, e se o nível II começa com 9 anos, ele pode ser promovido ao próximo nível para que seu desenvolvimento não seja prejudicado. ”

Ou seja, como vimos essa classificação é apenas para haver uma organização melhor das turmas, de acordo com a idade dos alunos, porém em momento nenhum deve atrapalhar o desenvolvimento dos alunos, nos dois sentidos, tanto aqueles que apresentam um desenvolvimento avançado em relação aos demais, quanto aqueles que por algum motivo ainda faltam se desenvolver um pouco mais. Esta heterogeneidade dos alunos deve ser analisada por professores e bem trabalhada por estes.

Algo que deve ser trabalhado também, além do conhecimento prático do futebol, é os seus aspectos teóricos, mas segundo Freire quanto menor a idade menos esse conteúdo deve ser trabalhado. Além do mais, os valores do esporte, assim como sua história, sua relação com a

sociedade e atualidade também devem ser trabalhados a todo momento, seja durante as rodas de conversa ou durante as atividades propostas.

Em relação aos conteúdos a serem trabalhados em cada nível de desenvolvimento, Freire (2006) sugere algo muito parecido com o que discutido por Garganta (1995). Por se tratar de um jogo complexo de ser entendido, o futebol deve ser ensinado de forma progressiva: particular para o geral, ou seja, do conhecido para o desconhecido, do menos complexo para o mais complexo, do fácil para o difícil, do autocentrismo para o heterocentrismo.

> Pode constituir um referencial bastante seguro, considerar que, na formação de suas habilidades, qualquer pessoa forma, inicialmente, as habilidades que lhe servem mais particularmente. Tais habilidades atendem necessidades mais imediatas. Não é por outro motivo que o recém-nascido brinca, primeiro com seus próprios movimentos, para depois brincar com outros objetos e, finalmente, já mais desenvolvido, com as outras crianças. (FREIRE, 2006, p.73)

Sendo assim no futebol, segundo Freire (2006), nos anos iniciais da sua prática e da sua entrada nas escolinhas esportivas, as habilidades mais fáceis de serem acumuladas e entendidas pelas crianças são aquelas voltadas para a própria pessoa. Ou seja, aquelas práticas nas quais as crianças não dependem de outras para serem realizadas, pois o prazer da prática neste momento está na sua satisfação pessoal.

Ou seja, segundo Garganta (1995) o nível de relação com o futebol da criança neste momento é o “eu-bola” e o “eu-bola-alvo”, nas quais é um momento rico para se ensinar as crianças a se familiarizem com a bola, tendo o seu controle e condução, além da finalização no alvo.

Estas atividades devem ser trabalhadas nos anos iniciais da entrada das crianças nas escolinhas, pois além de estimular e de ser fácil de serem entendidas e acumuladas por estas, ainda lhes darão prazer ao executar. Segundo Freire (2006) a idade típica para estas atividades se dá em torno de 6,7 anos, mas não quer dizer que essas habilidades voltadas para a própria pessoa devem ser trabalhadas apenas nesta faixa etária, todos apresentam a necessidade de jogar sozinho, mas em menores casos se comparado a esta etapa inicial.

Após algum tempo as crianças passarão a ter necessidade de jogar de forma coletiva e desempenhar as suas habilidades, pois aos poucos começarão a compreender que este se trata de um jogo que depende de outras pessoas.

Portanto, segundo Garganta (1995) há três níveis de relação com o jogo neste momento, são eles: “eu-bola-adversário”, nas quais devem ser trabalhados a combinação de habilidades, assim como o enfrentamento (drible e desarme), a conquista da posse de bola e sua conservação

em busca da finalização. O nível “eu-bola-colega-adversário”, na qual o acréscimo de uma pessoa do mesmo time que irá ajudar e facilitar a execução da tarefa e consequentemente cumprir o objetivo mais facilmente, sendo trabalhado as tabelas, as trocas de passes, as movimentações. E um terceiro nível, que o “eu-bola-colegas-adversários”, nas quais há o acréscimo de mais pessoas a se jogar a favor e contra, os famosos minijogos (2x2, 3x3, 4x3...).

Neste momento, o fundamento passe será o mais trabalhado, pois é este que torna o jogo coletivo, portanto deve ser compreendido pelos alunos a como passar (técnica) e principalmente quando passar (tática). Sendo este, portanto a habilidade mais difícil de ser praticada com eficiência durante um jogo.

Para finalizar, Freire (2006) apresenta as “habilidades de atuação no jogo como um todo” como as mais difíceis de serem trabalhadas, sendo, portanto, mais executadas por aqueles que já chegaram em uma idade e nível de desenvolvimento que os permitam entender o jogo como um todo. Portanto é o momento de assimilação e aplicação dos princípios ofensivos e defensivos, nas quais a tática acima de tudo deve ser utilizada, e um momento na qual o aluno precisa começar a pensar e jogar sem a bola, mentalmente compartilhando e entendendo a lógica do futebol.

Vimos então, que há habilidades que devem ser apresentadas em maior escala de acordo com a idade e nível de desenvolvimento dos alunos, de tal forma que estes atendam aos seus interesses e as suas capacidades de compreender o jogo. Agora iremos, portanto, apresentar as seis categorias que são classificadas por Freire (2006), de acordo com os níveis de desenvolvimento/desempenho dos alunos.

O primeiro deles é o Iniciante I, nas quais estão incluídas as crianças de 6 e 7 anos, idade que segundo João Batista Freire deve ocorrer a entrada dos alunos nas escolinhas de futebol. Nesta fase, devem ser ensinados as noções básicas do futebol, tanto na prática quanto na teoria.

No campo da teoria, devem ser trabalhados as noções básicas referentes às regras do futebol, regras estas que não serão as oficiais e sim adaptadas e flexibilizadas, uma vez que discutidas entre alunos e professores, até que os alunos consigam entender o que é uma regra e os motivos pelas quais estas devem ser utilizadas.

Na prática devem ser apresentados as habilidades básicas do futebol, com a utilização de brincadeiras que além de promover um caráter lúdico no jogo, ainda irá promover a apreciação do esporte desde pequeno pelas crianças. Neste momento mais do que tudo, as aulas de futebol devem ser prazerosas, e brincando de futebol, os alunos aprenderão a gostar do

futebol.

Portanto, nas aulas para crianças desta idade devem ser trabalhadas na maior parte do tempo brincadeiras, em especial aquelas que tenham relação com o futebol, e um menor tempo que deve ser dedicado ao ensino de fundamentos específicos, que podem inclusive ser trabalhados com jogos e brincadeiras.

Vale lembrar que neste momento a relação das crianças com o jogo está relacionada com as habilidades voltadas para si, então é mais fácil do ponto de vista pedagógico e do desenvolvimento da criança ser trabalhados exercícios que as estimulem a tal, como é o caso de condução, finalização, controle. Podendo, portanto, ser utilizadas brincadeiras de mãe da rua, pega-pega, acertar ao alvo, controle e. muitas outras.

No nível iniciante II, que estão incluídos os alunos de 7,8 e 9 anos (percebe-se que as crianças de 7 anos podem estar no nível iniciante I ou II, variando de acordo com seu nível de desenvolvimento/desempenho, como já discutido anteriormente), não há muita diferença na questão dos conteúdos se comparado ao iniciante I, tendo como diferença básica o nível de desenvolvimento.

Nesta idade, os alunos já tiveram as suas primeiras experiências com o futebol e, portanto, já podem haver algumas variações, como a complexificação de alguns jogos e brincadeiras, através da mudança de regras ou da dinâmica destas. Sem contar, que deve ser trabalhado mais os aspectos dos fundamentos técnicos, ainda juntamente com as brincadeiras.

No nível iniciante II já se pode começar a introduzir as noções dos grandes espaços do campo de futebol: defesa, meio-campo e ataque. Portanto, sem a necessidade de que os alunos assumam uma posição específica dentro de campo, deve se priorizar os rodízios para que possam ter experiências em todos os espaços.

Crianças de 9, 10 e 11 anos, na maioria dos casos, já conhecem bem as regras do futebol e dos espaços do campo. Portanto, no nível básico I, o professor pode utilizar das regras oficiais, alterando as sempre que necessário em comum acordo com os alunos. Além do mais, Freire (2006) sugere a vivência das posições específicas do futebol através do rodízio, e uma vez demonstrada uma preferência por posição o aluno pode ficar mais tempo nesta, mas não exclusivamente nesta, devendo sempre ser feito rodízios de posições para vivência destas.

Neste nível também ainda devem ser realizadas brincadeiras e atividades lúdicas como dos exercícios das aulas, pois ainda se tratam de crianças que apresentam facilidade em aprender através destas. Jogos adaptados e aulas dedicadas a aprendizagem de fundamentos

técnicos também serão aumentados, e nessa idade já se pode começar a corrigir eventuais falhas na execução de movimentos.

No nível básico II, já há uma grande mudança se comparado aos anteriores, pois os alunos já estão entrando na adolescência, incluindo alunos de 11,12 e 13 anos. Ao se mudar a forma de pensar do aluno, muda-se também a sua forma de entender o jogo e se relacionar com os demais alunos. Portanto, o adolescente, segundo Freire (2006, p.78) "pode colocar à prova, no espaço do jogo, permanentemente, suas novas formas de pensar e de agir"

Neste momento será trabalhado com mais tempo as atividades voltadas para os fundamentos táticos e técnicos do jogo, podendo ser feito através de jogos adaptados ou brincadeiras ou até mesmo de exercícios com o foco no aprendizado destes fundamentos, portanto não se perderá o caráter lúdico da aula, mas este será menor se comparado aos demais níveis.

Sendo assim no nível básico II os alunos já podem ser introduzidos à preparação física, de preferência exercícios com bola que trabalhem os aspectos físicos, táticos e técnicos. Além do mais, a tática como já visto ganha uma maior notoriedade:

> Escolhemos este nível para iniciar o ensino da tática porque ela está de acordo com o modo de pensar do adolescente. Tática supõe hipóteses e o adolescente começa a pensar por hipóteses. Na adolescência, definitivamente as ideias, os projetos, passam a orientar as práticas motoras. (FREIRE, 2006, p.78)

Os alunos desta idade já poderão começar a definir as suas posições, vivendo as com mais intensidade, através de rodízios que neste momento podem ser realizados de forma mais específica, escolhendo os espaços de campo de sua preferência, por exemplo se este for a defesa: o aluno pode escolher a sua posição como zagueiro direito, mas ainda irá jogar nas posições de zagueiro esquerdo, lateral direito, lateral esquerdo e até mesmo volante.

Esta questão de predominância e escolha de posições deve ser algo cada vez menos utilizado, principalmente se levado em consideração o futebol profissional dos últimos anos, nas quais os jogadores precisam cada vez mais jogar em diversas posições e funções, tendo essa versatilidade de saber lidar com os problemas dos mais variados espaços do jogo.

No nível especial I, que compreende alunos entre 13 e 15 anos, Freire (2006) sugere que a maior parte do trabalhado seja voltada para a preparação física, de preferência com bola, na qual se pode trabalhar também os aspectos técnicos. Nesse nível, o aluno deve conseguir ser capaz de jogar em várias posições do futebol, entretanto já sabendo qual é a sua posição dominante, para que possa ser potencializado suas qualidades e trabalhado suas deficiências naquela posição.

As atividades lúdicas e brincadeiras devem ser utilizadas, entretanto, deve se procurar serem mais específicas e orientadas para os fundamentos que devem ser trabalhados. Isto pode ser feito através de jogos adaptados. E neste momento, os aspectos teóricos devem haver um aumento na aprendizagem dos conhecimentos teóricos.

No nível especial II que contempla adolescentes de 15 e 16 anos deve ter uma ênfase total nos aspectos táticos, ou seja, como e quando resolver os problemas encontrados no jogo. Deve-se também dar muito foco para a preparação física e técnica, com a correção de eventuais erros que ainda podem estar acumulados pelos alunos.

E assim como no nível especial I a percepção dos alunos em relação ao jogo já deve ser quase que completa a ponto que estes já consigam entender a complexidade do jogo e saber resolver as diversas situações-problemas encontradas no futebol, as quais são muitas.

4.5 PLANEJAMENTO DAS AULAS E POSSIBILIDADES DE AVALIAÇÃO

Sobre a questão da execução e do planejamento das aulas, de acordo com a proposta pedagógica sugerida por Freire (2006), as aulas devem ser divididas em cinco partes:

> (...) a primeira é uma conversa de poucos minutos a respeito de como serão as atividades práticas, ou sobre outros assuntos quaisquer; uma segunda parte, em que se realiza um jogo adaptado ou uma brincadeira; uma terceira parte em que, preferencialmente através de atividades lúdicas, exercitam-se as habilidades do futebol; uma quarta parte, em que se realiza novamente um jogo adaptado ou brincadeira; e finalmente, uma quinta parte com mais uma roda de conversas sobre os acontecimentos da aula ou sobre quaisquer outros assuntos. (FREIRE, 2006, p.55)

Vimos então, que o autor sugere que se inicie e finalize a aula com uma roda de conversa, nas quais são apresentadas e discutidas as atividades desenvolvidas nas aulas, assim como as eventuais situações que podem acontecer ou aconteceram durante a aula.

Na primeira parte da aula, o professor deve reunir os alunos, de preferência em círculo, e falar sobre as atividades que serão desenvolvidas durante a aula, perguntando e indagando o aluno se estas atividades e temas já foram trabalhadas em aulas ou vivências anteriores. Sendo assim, os alunos terão a necessidade de relembrar dos conteúdos anteriormente acumulados e terão, portanto, uma sistematização dos conhecimentos, o que desenvolverá um maior nível de consciência a respeito da prática do futebol.

Em alguns casos, podem ser utilizadas diversos meios para a apresentação dos conteúdos, dentre eles teóricos, como apresentação de vídeos, de brincadeiras como o jogo da

memória onde a criança é estimulada a lembrar dos conteúdos passados, sejam eles referentes à história do futebol, aos ídolos, entre outros.

É importante sempre começar uma aula retomando os conteúdos dados anteriormente e que o tema da aula anterior tenha afinidade com o tema da aula a ser dada, então por exemplo se em um dia o tema principal a ser trabalhado é o passe, na aula seguinte pode-se dar um foco para a finalização, pois esta sucede a ação de manutenção e conservação da posse de bola.

Em um segundo momento, devem ser orientados brincadeiras ou jogos adaptados referentes a aula anterior, ou seja, relembrar os alunos sobre um conteúdo que já foi trabalhado anteriormente. E neste momento, podem ser feitas alterações e adaptações das atividades já desenvolvidas, pois agora o professor já terá tido a oportunidade de observar e analisar quais mudanças podem potencializar a brincadeira ou o jogo a ser desenvolvido.

A terceira parte da aula já será um tema novo se comparado a aula anterior, devendo ser realizado jogos e brincadeiras que estimulem o fundamento técnico a ser trabalhado, de tal forma que quanto mais novos os alunos, mais lúdicas estas atividades devem ser. A quarta parte da aula também será destinado aos temas do dia. Portanto, nestes dois momentos devem ser estimulados os fundamentos a serem trabalhados, por exemplo se este for o drible e desarme, poderão ser realizadas as brincadeiras mãe da rua, pega-pega com a bola, túnel do drible e outras.

A aula então se encerra com uma roda de conversa entre professor e alunos, nas quais são discutidas as diversas situações que foram encontradas na aula, sejam elas específicas do futebol ou mais gerais, como é o caso dos valores e do fenômeno esportivo. Além do mais, o professor deve estimular a participação do aluno relatando a sua vivência, como por exemplo: quais foram as facilidades e dificuldades das atividades, qual era o objetivo destas e muitas outras questões que podem e devem ser abordadas.

Neste momento devem ser realizados também a avaliação das crianças, esta não deve ser rigorosa como a das escolas através de notas sistematizadas com bases em provas e testes, mas sim como uma forma de ensino, nas quais os alunos terão papel ativo em sua própria avaliação, que deve ser contínua e permanente levando em consideração a sua atuação individual, coletiva e como cidadão.

Os alunos devem saber antes de tudo suas limitações, interesses e a sua evolução, assim como as suas possibilidades de intervenção sobre a prática do futebol, sendo este o principal objetivo do ensino deste esporte, não apenas ensinar bem o futebol, mas ensinar além do futebol

de tal forma que o aluno saia consciente de suas ações e da realidade na qual está inserido e que possa utilizar das habilidades desenvolvidas nas aulas em seu cotidiano seja como forma de lazer, saúde ou de transformar a realidade na qual está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos fazer uma aproximação a respeito das questões relacionadas ao ensino-aprendizagem do futebol no Brasil, tendo como base os estudos de João Batista Freire e Alcides José Scaglia, em especial as obras “Pedagogia do Futebol” e “O futebol que se aprende e o futebol que se ensina”.

Vimos que, pouco depois de chegar ao Brasil, o futebol já foi rapidamente se popularizando por todas as camadas sociais, sendo praticado, portanto, pelas classes menos privilegiadas nos espaços informais da cidade: as ruas, os lotes baldios, as várzeas, entre outros.

Estes espaços foram durante muito tempo, os principais formadores de várias gerações de brasileiros que aprenderam a jogar e a jogar bem o futebol, e antes de mais nada a apreciar esta prática esportiva, incorporando-a em seu cotidiano e na cultura brasileira.

O brasileiro aprendia então a jogar e gostar de futebol, através das diversas brincadeiras que eram comuns da rua, como as peladas, os controles, as rebatidas, os bobinhos e diversas outras que eram criadas, aperfeiçoadas e repassadas de geração a geração.

E esta pedagogia da rua, que ensinava de maneira informal, sem a sistematização de conteúdos ou da orientação de professores, foi responsável, segundo Freire (2006) por tornar o Brasil o país do futebol. Somos o maior campeão do maior torneio de seleções masculino, a Copa do Mundo, e o maior celeiro de craques da história do esporte, tendo inclusive os melhores e maiores jogadores do futebol e futsal, tanto masculino, quanto feminino.

Além do mais, o jeito de jogar do brasileiro, se comparado em relação aos outros povos, é diferente. O brasileiro cria arte com os pés, são dribles e fintas que encantam o mundo, jogadores que conseguem “tirar o coelho da cartola” e fazer algo inesperado.

E estas características estão relacionados com o jeito brasileiro de ser, com a nossa cultura, um povo divertido, criativo e que teve durante muito tempo a sua formação na rua, espaços estes que contavam com a ludicidade e com os jogos e brincadeiras, meios estes que exigem a resolução de situações-problemas e, portanto, uma inteligência tática para resolvê-las.

Como vimos, a urbanização das cidades acabou por promover uma série de fatores que vieram a mudar o meio e o contexto em que vivemos. As ruas, lotes baldios e várzeas, que em um momento eram utilizadas como formadoras da infância, das brincadeiras, dos jogos, dos esportes e do futebol, passaram a atender a uma outra realidade.

Estes espaços foram transformados em prédios, lojas, shoppings, escolas, sendo assim

necessário a criação dos primeiros espaços sistematizados de ensino do futebol: as escolinhas. Estas surgiram a partir da necessidade de se colocar as crianças e adolescentes para praticar e aprender o futebol de maneira segura, uma vez que os espaços que tinham esta finalidade no passado, não mais existem.

Segundo Scaglia (1999), a popularização das escolinhas se deu tão rápido quanto a popularização do futebol no Brasil, entretanto, um problema foi logo identificado, estes espaços não conseguiam desempenhar todas as funções que a rua conseguia com proeza, mesmo que esta não tivesse responsabilidade nenhuma de a realizar.

As escolinhas, entretanto, por serem espaços sistematizados de ensino, apresentam a responsabilidade de ensinar, mas o que vemos, em alguns casos, são instituições que prezam muito mais pelo lucro do que pela formação dos alunos, não tendo, portanto, professores qualificados e que saibam ensinar bem futebol a todos e ensinar mais do que futebol, assim como sugerido por Freire (2006).

Identificado este problema pedagógico por Freire (2006) e Scaglia (1999), buscamos realizar uma aproximação do ensino-aprendizagem do futebol, através de um estudo bibliográfico de propostas metodológicas que visam quebrar o modelo tradicional de ensino nestas escolinhas. Entre estas propostas, decidimos dar um foco maior para a pedagogia do futebol, proposta por João Batista Freire, por considerarmos que esta além de levar em consideração os aspectos metodológicos e de desenvolvimento dos alunos, também leva em consideração os aspectos históricos, culturais e sociais do nosso país.

Ao final deste estudo, apresentamos com mais detalhes os aspectos metodológicos da pedagogia do futebol, que busca trazer a rua como instrumento simbólico para o ensino-aprendizagem do futebol, através de jogos e brincadeiras, que diferentemente dos exercícios de repetição de gestos técnicos tão comuns nas escolinhas, apresenta toda a ludicidade e interesse que as crianças necessitam para aprender e gostar do futebol.

Através da aproximação dos estudos de João Batista Freire e Alcides José Scaglia, conclui-se que brincar de futebol é sinônimo de aprender futebol, e as escolinhas no momento que perceberem isso, poderão ser ainda melhores que a rua nesse processo de ensino-aprendizagem, pois nessas há um professor, que se bem orientado pode ser capaz de trazer os benefícios trazidos das ruas e retirar os malefícios que e também eram encontrados nesta, como a exclusão, a seletividade, o machismo, a homofobia, entre outros.

Portanto, concluímos este trabalho afirmando, segundo análise referencial, que é papel

do professor ser o responsável por esta mudança no ensino-aprendizagem do futebol no Brasil, este deve ser capaz de como citado por Freire (2006) ensinar futebol a todos, ensinar bem futebol a todos, ensinar mais do que futebol a todos e ensinar a gostar da prática esportiva.

Sendo assim, o futebol continuará tendo a sua importância histórico, cultural e social em nosso país, e o que veremos é cada vez mais crianças, adolescentes, adultos e idosos, das mais variadas classes sociais, etnias e gêneros praticando, apreciando, aperfeiçoando e tornando o futebol parte do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

AUTORES, Coletivo de. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, Sp: Cortez, 1992.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina livros, 1994.

BRAZ, B; BLOIS,C. Câmara aprova dia da "Resposta Histórica" do Vasco em calendário do Rio. **UOL**, 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/09/22/camara-aprova-dia-da-resposta-historica-do-vasco-em-calendario-do-rio.htm. Acesso em: 13 de outubro de 2021.

CABRAL, G. M. NEVES, R. L. **Futebol arte x futebol racional: das ruas as escolinhas de futebol**. Revista digital – Buenos Aires – Ano 12 – No 111 – Agosto de 2007.

DAOLIO, J. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer***. Revista Brasileira de Ciência & Movimento, São Caetano do Sul, v. 10, n. 4, p. 99-104, 2002.

ELIAS, N, DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. Cap. VI A dinâmica dos grupos desportivos – uma referência especial ao futebol.

FREIRE, J. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997

FREIRE, J**. Pedagogia do Futebol**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARGANTA, J., PINTO, J. **O ensino do futebol**. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J

(Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. F acuidade de Ciências do

Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. **Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos**. In. GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). O ensino dos jogos desportivos. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995. p. 11-25.

GRECO, P. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental-ensino intencional**. Revista Mineira de Educação Física, (s.i), v. 20, p.145-174, 2012.

GRIFFIN, L L; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. **Teaching Sport Concepts and Skill: A tactical games approach**. Champaing: Human Kinetics, 1997.

OLIVEIRA, E; GRUNENNVALDT, J. **A operacionalização do esporte em escolas de iniciação: o futebol que se propõe**. Revista Kinesis, Santa Maria, v. 33, n. 2, p.03-22, jul.

2015.

PAES, R. R; BALBINO, H. F. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: ROSE JUNIOR, Dante de (Org.). Esporte e atividade física na infância e na adolescência. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 5. p. 73-83.

PINTO, L. Futebol moderno nasceu há 153 anos. Sabe como se jogava?. **VEJA**, 2016. Disponível em: https://veja.abril.com.br/esporte/futebol-moderno-nasceu-ha-153-anos-sabe-como-se-jogava/. Acesso em: 13 de outubro de 2021.

SCAGLIA, A. **Escolinha de futebol: uma questão pedagógica.** Motriz, [s. l], v. 2, n. 1, p. 36-42, jun. 1996.

SCAGLIA, A. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 1 v.Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999

SCAGLIA, A. **Pedagogia do jogo: o processo organizacional sistêmico dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino**. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto, Campinas - Sp, v. 17, n. 1, p.27-38, 2017.

SKANK. **É Uma Partida de Futebol**. Belo Horizonte: Chaos/Sony Music: 1996.

STREAPCO, J; ROBIO, K. **Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920)**. Revista de História do Esporte, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-19, jun. 2009

WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. **Teaching Games for Understanding - Evolution of de model**.V A, v. 67, n. 1, p. 28-33, 19